

DISSERTAÇÃO SOBRE O ESTILO FILOSÓFICO DE MÁRIO NIZÓLIO (1670)¹²

G. W. Leibniz

Tradução e notas: Húbson Canuto¹³

I. Sobre a edição de obras de outros

Publicar os escritos de outros, benévolo leitor, é coisa humilde e desprezada, parece-lhe que as anotações são por si mesmas de pobre engenho, cuja sublime reflexão ou opinião se eleva acima dos demais, para os quais é um costume, rir espalhando seus nomes em textos alheios por pilhéria como plantas trepadeiras, pois já antes gloriava-se Constantino Magno em Trajano, em toda parte através de todas as ruínas da antiguidade foi pródigo de nomes. Mas estas coisas, na verdade, pouco me movem, por uma parte resguardado pelo exemplo de homens famosos, por outra parte um pouco doído se eu não for considerado pelos famosos censores como sendo engenhoso, o que já basta para contracambiar o louvor do estudo ou pelo menos da vontade. A abundância não exige investigar os exemplos dos homens egrégios, porquanto os próprios teólogos são da opinião que os escritores sagrados¹⁴ aperfeiçoaram, e publicaram, e continuaram as memórias dos anteriores, Josué as de Moisés, Samuel as de Josué, Esdras as de Samuel e dos profetas. Para os gregos, celebra-se, com grande louvor da franqueza, a Xenofonte¹⁵, que publicou as *Histórias*¹⁶ de Tucídides¹⁷, quando poderia ter suprimido, ou, para ser ovacionado sozinho, ter reivindicado para si [a autoria]; diversamente da fama de Aristóteles¹⁸, que sofreu, conforme alguns, grande inveja dos documentos (*monumenta*)

¹² O texto que serviu de base para esta tradução foi extraído da **Opera omnia Gothofredi Guillelmi Leibnitii** tomo IV, Genebra: Apud Frates de Tournes, 1768, p. 36-63.

¹³ É professor no Instituto Federal de Alagoas e mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Sergipe.

¹⁴ Refere-se Leibniz aos escritores da Bíblia.

¹⁵ Xenofonte (Ξενοφῶν, *Xenophōn*; ca. 430 a.C. - 355 a.C.) foi soldado, mercenário e discípulo de Sócrates. Ele foi autor de inúmeros tratados práticos sobre assuntos variados, ficou conhecido pelos seus escritos sobre a história do seu próprio tempo e pelas notícias sobre os ditos de Sócrates.

¹⁶ Refere-se à *História da Guerra do Peloponeso* (*Περὶ τοῦ Πελοποννησίου πολέμου*), uma narrativa sobre a Guerra do Peloponeso nos tempos da Grécia Antiga, disputada entre a Liga do Peloponeso (liderada por Esparta) e a Liga de Delos (liderada por Atenas). A obra foi escrita por Tucídides, um general ateniense que serviu na guerra, e é amplamente considerada um clássico e um dos primeiros trabalhos acadêmicos em História. Foi dividida em oito livros por editores do fim da Idade Antiga.

¹⁷ Tucídides (Θουκυδίδης, *Thukydídēs*, ca. 460 a.C. - ca. 400 a.C.) foi um historiador da Grécia Antiga.

¹⁸ Aristóteles (Ἀριστοτέλης, *Aristotélēs*; 384/83 a.C. - 322 a.C.) foi um filósofo e lógico grego antigo.

suprimidos da filosofia mais antiga. Para os Romanos, sobre a recapitulação da vida dos antigos foi admiravelmente solícito o imperador Adriano¹⁹, que não somente investigava com diligência a partir dos textos, senão também procurava o rosto deles a partir de estátuas, de pinturas, que sofriam danos pela antiguidade, quando eram achadas [as estátuas ou pinturas], para que não sofressem mais algum dano do tempo, assinalava as moedas com a passada imagem deles, pospondo a majestade à paixão. Donde hoje temos moedas cunhadas com as imagens de Címon²⁰, Milcíades²¹, Platão²², Aristóteles, e outros antigos heróis e sábios, opinião constante de eruditos cresce que se deve referir [essas moedas] a Adriano. Entretanto, deixemos as antiguidades. Dentre os principais cuidados dos eruditos estava exumar coisas sepultadas, neste nosso século e no anterior. E não se trabalho só no que diz respeito aos antigos, sobre os quais além de outros se apoiaram aqueles que hoje são chamados popularmente de críticos, mas também se dedicou cuidado aos escritores medievais, dentre os quais teólogos, que Marguerin de la Bigne²³ reuniu uma grande parte na Biblioteca do Padres, aumentado e ainda por aumentar das edições de Canísio²⁴, Gretser²⁵, Sirmond²⁶, Petávio²⁷, Combefísio²⁸, Alácio, Chifflet²⁹,

¹⁹ Públio Élio Trajano Adriano (*Publius Aelius Traianus Hadrianus*; 76 - 138), mais conhecido apenas como Adriano, foi imperador romano de 117 a 138. Pertence à dinastia dos Antoninos, sendo considerado um dos chamados “cinco bons imperadores”.

²⁰ Címon (Κίμων, *Kímon*, ca. 510 a.C. - 449 a.C.), filho de Milcíades (Κίμων ὁ Μιλτιάδου, *Kimon ho Miltiádou*) foi um estadista e general ateniense.

²¹ Milcíades, o Jovem (Μιλτιάδης ὁ Νεώτερος, *Miltiádēs ho Neōteros*; ca. 550 a.C. — 489 a.C.) foi um general (estratego) helênico nascido em Atenas.

²² Platão (Πλάτων, *Plátōn*, 428/427 - 348/347 a.C.) foi um filósofo e matemático do período clássico da Grécia Antiga, autor de diversos diálogos filosóficos e fundador da Academia em Atenas, a primeira instituição de educação superior do mundo ocidental.

²³ Margarin de La Bigne ou Marguerin de La Bigne (1546-1595) foi um teólogo francês, especialista em patristica, editor da primeira coleção, na França, contendo os escritos dos Padres da Igreja e de autores eclesiásticos, essencialmente em latim.

²⁴ São Canísio de Kilkenny, ou de Aghaboe, (515/16-600), foi um abade irlandês, trabalhou na cópia de muitos livros.

²⁵ Jacob Gretser (1562-1625) foi um dramaturgo, teólogo e historiador alemão. Compôs mais de cem obras latinas em vários campos, particularmente no da filologia.

²⁶ Jacques Sirmond (1559-1651) foi um jesuíta francês. Cuidou da edição crítica de vários autores latinos e bizantinos da época medieval. A sua *Opera varia*, publicada em cinco volumes em Paris em 1696 e republicada em Veneza em 1728, contém vários escritos, entre os quais um ensaio em que contesta a tradicional identificação de Dionísio de Paris e São Dionísio Areopagita.

²⁷ Dionísio Petávio, Denis Pétau (*Dionysius Petavius* 1583 - 1652, foi um jesuíta, teólogo e bibliotecário do rei. Exerceu forte influência na dogmática católica com as suas obras. Em 1605, ensina retórica em Reims (1609), La Flèche (1613), e no Collège de Clermont (1618).

²⁸ Talvez tenha sido o Pe. Combefísio, um dos editores da *Patrologia Graeca*.

²⁹ Pierre-François Chifflet (1592-1682) entrou na Companhia de Jesus em 1609. Desde 1624, colaborou com Heribert Rosweyde e com a *Société des Bollandistes*. Ele foi associado ao *Collège de Dijon* em 1645-1675, quando Colbert o chamou para Paris e deu-lhe a guarda das medalhas do rei.

Possino, Holstênio³⁰, Marca, Labbé³¹, (seja alhures que nos bizantinos), Cossárcio, Daquério, Súrío, Rosweido, Bolland³², Henschen³³, Papebroch³⁴, dos compiladores da *Biblioteca ascética dos Padres*, editada pelos beneditinos, e de outros tantos. Sobre os juristas medievais é, de maneira excelente, merecido, quem quer que seja, sob cujo cuidado se examinou conjuntamente todos os documentos (*monumenta*) deles no oceano do direito, e nestes os volumes dos *Tratados*, ou como depois foram chamados, o *Tratado dos tratados*; doutra forma, talvez, há pouco, tenham saído com uma fortuna modesta. Certamente, é lamentável que tenha se calado sobre si mesmo, quem curou tantos outros sobre a luz do nome, conquanto, contudo, nada se possa pensar mais trabalhoso do que aquele grande índice feito para todos os volumes, e nada se possa desejar mais cuidadoso. Diga-se o mesmo sobre os volumes coligidos dos *Repentium*³⁵. Esperamos, porém, que, o quanto antes, seja publicado o ordenamento do direito feudal de Antônio Duprat³⁶, o velho, sob os cuidados de Érico Maurício³⁷, uma obra ilustre com mandato imperial, composto por delegação da universidade da Bolonha, mas que não sei como, até agora, desapareceu das mãos dos homens, por muito tempo procuraram em vão Goldast³⁸ e Rigault³⁹, mas encontrou-a outro não ilustre editor. Na coletânea das histórias medievais não se

³⁰ Lucas Holstênio (*Lukas Holste*, latinizado: *Lucas Holstenius*; 1592 - 1662) foi um humanista, geógrafo e historiador alemão de religião católica.

³¹ Philippe Labbé foi um jesuíta francês (1607-1666/7), editor prolífico e polígrafo, Labbé é mais conhecido por seu trabalho de editor e compilador; ele também foi possuidor de documentos antigos, como evidenciado por várias notas de sua *Bibliotheca Nova ... manuscriptorum*. Seus contatos com estudiosos contemporâneos permitiram-lhe ter acesso a muitos catálogos de livros e manuscritos de coleções públicas e privadas de seu tempo.

³² Jean Bolland (1596-1665), foi um padre jesuíta belga, hagiógrafo e fundador da *Société des bollandistes*.

³³ Godfried Henschen, também *Henschenius*, (1601-1681) foi um padre jesuíta belga. Colaborador próximo de Jean Bolland, foi um dos primeiros bollandistas.

³⁴ Daniel van Papenbroeck ou Daniel Papebroch (1628-1714) foi um jesuíta erudito e hagiógrafo, que colaborou com Jean Bolland na publicação da *Acta Sanctorum*, uma série de volumes nos quais os testemunhos relacionados à vida de cada santo da Igreja Católica eram avaliados, com o objetivo de separar o que era fato e o que era lenda.

³⁵ Em 1629, no colégio jesuíta de Kortrijk havia um *seminarium repentium humaniora*, seminário as mais humanas das repetições, cujo objetivo era que os noviços jesuítas repetissem e completassem a educação em literatura antiga (v. *Humanistica Lovaniensia: Journal of Neo-Latin studies*. Vol. XLI, Leuven: Leuven University press, 1992, p. 300).

³⁶ Antônio Duprat (1463-1535), foi um nobre francês, senhor de Nantouillet, Conde de Valtelina e do ducado de Milão, chanceler da França e chanceler da Bretanha. Ele redigira a *Coutume d'Auvergne*, coletânea das leis civis da Alvéria.

³⁷ Erich Mauritius (1631-1691) foi um jurista alemão.

³⁸ Talvez Melchior Goldast von Haiminsfeld (1578-1635) foi um jurisconsulto, filólogo, historiador, linguista e bibliófilo suíço, de religião protestante, autor de numerosos trabalhos de erudição histórica.

³⁹ Nicolas Rigault (Rigaltius; 1577-1654) foi um erudito clássico francês. Educado pelos jesuítas. Foi sucessivamente conselheiro do Parlamento de Metz, procurador-geral de Nancy, e intendente da província de Toul. Ele preparou edições anotadas de Fedro, Marcial, Juvenal, Tertuliano, Minúcio Felix, São Cipriano, e também algumas coleções mistas: *Rei accipitrariae scriptores*, 1612; *Rei agrariae scriptores*, 1613. Foi bibliotecário de Luís XIII. Ele usou um pseudônimo *J. B. Aeduis*.

desgastarão, com o passar dos tempos, os cuidados de Schard⁴⁰, Pistório⁴¹, Reuber⁴², Wurstisen⁴³, Meibom⁴⁴, Reineccius⁴⁵, *dos Lindenbrógios*⁴⁶, Goldast, Freher⁴⁷, Bongars⁴⁸, Tílius⁴⁹, dos Pithaeus, dos Puteanos⁵⁰. Teodoro e Dionísio, os jovens dos Gotofredos, dos Chesnios, dos Samatibanos, Spelmann, Dugdalo e também esperamos os de Lambécio e Gamânsio. Mas haverá talvez aqueles que deste modo se contraporão, alguns que conservarão os escritos imortais dos antigos ou mesmo os documentos [*monumenta*] da Idade Média, outros dentre os mais recentes que disseminarão nulidades pelo mundo já tão sobrecarregado disso. Certamente, eles opinam com muito desprezo sobre a qualidade dessa época, [isto é, da Idade Média,⁵¹] nem pensam que haverá um tempo em que as nossas coisas serão velhas. Quem ignora quanto zelo empenhou o imperador Rodolfo⁵² em coligir e resenhar as obras de Teofrasto Paracelso⁵³? [Quem ignora ainda o cuidado de] Johannes Kepler⁵⁴ noutro tempo [também reuniu e resenhou] o que sobrou [das obras] de Tycho Brahe⁵⁵, agora publicadas por Alberto

⁴⁰ Simon Schard (*Schardius*, 1535-1573) foi um jurista, historiador e filólogo alemão.

⁴¹ Johann Pistorius (1546-1608) foi um polemista e historiador alemão.

⁴² Jobst II Reuber (1542-1607) foi um jurista e chanceler Eleitoral Palatinado.

⁴³ Christian Wurstisen (*Christianus Urstisius* 1544-1588) foi um matemático, teólogo e historiador de Basel.

⁴⁴ Marcus Meibom (*Marcus Meibomius* 1630-1710) foi um filólogo, teórico musical, matemático, livreiro e bibliotecário dinamarquês.

⁴⁵ Reiner Reineccius (1541-1595) foi um historiador alemão.

⁴⁶ Há um livro chamado *Leben der berühmten Lindenbrogiorum, Nebst einer Nachricht vom Leben Geverharti Elmenhorstii, Joachimi Moersii, Heliae Putschii und Cornelii Dalii*. Theodor Christoph Felginer, Hamburgo, 1723. Talvez seja a esse livro a referência de Leibniz.

⁴⁷ Leibniz aqui pode querer referir-se a Dionísio Andreas Freher (1649-1728), teólogo alemão; ou a Marquard Freher (1565-1614), jurista, historiador, jornalista, diplomata e estadista alemão.

⁴⁸ Jacques Bongars (1554-1612) foi um diplomata, historiador e filólogo francês, autor de obras sobre a história romana e a história das cruzadas.

⁴⁹ Esse Tílius publicou em 1549 um livro intitulado *Domitii Ulpiani fragmenta*.

⁵⁰ No texto original latino não dá para saber a que se refiram os genitivos *Pithaeorum* e *Puteanorum*. (N. do T.)

⁵¹ Acréscimo que o tradutor entendeu necessário para deixar claro o que Leibniz expressara em seu texto.

⁵² Rodolfo II (1552-1612), da casa de Habsburgo foi imperador do Sacro Império Romano-Germânico, rei da Boêmia e rei da Hungria. Diz-se que era admirador e promovedor da alquimia.

⁵³ Paracelso, pseudônimo de *Philippus Aureolus Theophrastus Bombastus von Hohenheim*, (1493-1541) foi um médico, alquimista, físico, astrólogo e ocultista suíço-alemão. A ele também é creditado a criação do nome do elemento zinco, chamando-o de *zincum*. Paracelso refuta a interpretação metalúrgica do saber alquímico e sua busca da produção de metais preciosos a partir daqueles mais vis. A alquimia paracelsiana se concentra em seus efeitos medicinais, coligados aos conceitos de *elixir*, desenvolvendo as premissas de Raimundo Lullo.

⁵⁴ Johannes Kepler (1571-1630) foi um astrônomo e matemático alemão. Considerado figura-chave da revolução científica do século XVII. É mais conhecido por ter formulado as três leis fundamentais da mecânica celeste, conhecidas como Leis de Kepler, codificadas por astrônomos posteriores com base em suas obras *Astronomia Nova*, *Harmonices Mundi*, e *Epítome da Astronomia de Copérnico*. Essas obras também forneceram uma das bases para a teoria da gravitação universal de Isaac Newton.

⁵⁵ Tycho Brahe (1546-1601) foi um nobre dinamarquês conhecido por suas observações astronômicas e planetárias precisa e abrangente. Ele nasceu em Scania, então parte da Dinamarca, agora parte da Suécia. Tycho era bem conhecido em sua vida como um astrônomo, astrólogo e alquimista, e tem sido descrito mais recentemente como «o primeiro mente competente em astronomia moderna sentir ardor da paixão por fatos empíricos exatas» (EDWIN ARTHUR BURTT, *The Metaphysical Foundations of Modern Physical Science: A Historical and Critical Essay* (1925)).

Curtz⁵⁶. Freher⁵⁷ publicou as *Opera Historica* de Trithemius⁵⁸, a obra *Ascetica* de Busaeus⁵⁹ e, ainda Feher, publicou *Hubertus Thomas Leodius*⁶⁰; Otto Brunfels⁶¹ junto com Cochlaeus publicaram a *Hussiana*⁶²; Edmundo Mercério, Isaac Gruter⁶³ e Graswinkel, homens particularmente ilustres publicaram a obra de Grócio⁶⁴; sob os cuidados de Herbert saíram algumas coisas de Isaac Vossius⁶⁵ e também a obra de Gruter⁶⁶; muitas coisas de Verulâmio chegaram até nós. Deve-se a Marco Antônio de Dominis a publicação da *História* do frei Paulo sevita⁶⁷; Blondel e Gronóvio a publicação em latim do *De Eucharistia* do defunto Edmundo Albertino⁶⁸, para alguns o mesmo Blondel editou algumas coisas de Daillé⁶⁹; Montagu⁷⁰ publicou opúsculos do rei James da Inglaterra, então no Palácio episcopal Courcelles⁷¹ e Poelenburch⁷², Pierucius editou a Schoppe⁷³; Cordesius a Cassandro, alguns a outros,

⁵⁶ Albert Curtz (*Albertus Curtius*, 1600-1671) foi um astrônomo e jesuíta alemão.

⁵⁷ Marquard Freher (1565-1614) foi um jurista, historiador, escritor, diplomático e estadista alemão.

⁵⁸ Johannes Trithemius (1462-1516) nascido como Johann Heidenberg. Tornou-se monge aos 20 anos de idade (1482). Trithemius criou a esteganografia (técnica de criptologia para ocultar a existência de uma mensagem dentro de outra; não confundir com estenografia, técnica de escrita abreviada e simplificada que permite escrever com a mesma rapidez com que se fala), sua primeira obra continha nada menos que 376 alfabetos compostos de 24 letras.

⁵⁹ *Johannes Busaeus* (em francês Jean Buys, 1547-1611) foi um padre jesuíta holandês, teólogo e autor espiritual.

⁶⁰ Hubertus Thomas Leodius (1495-1555/56) historiador alemão.

⁶¹ Otto Brunfels (1488-1534) foi um teólogo e botânico Alemão. Carl von Linné o apontou como o *Pai da Botânica*.

⁶² Trata-se dos escritos póstumos de Jan Hus.

⁶³ Isaac Gruter (1610-1680) editor das obras de Francis Bacon.

⁶⁴ Hugo Grócio, Hugo Grotius, Huig de Groot ou Hugo de Groot; (1583-1645) foi um jurista a serviço da República dos Países Baixos. É considerado o fundador, junto com Francisco de Vitória e Alberico Gentili do Direito internacional, baseando-se no Direito natural. Foi também filósofo, dramaturgo, poeta e um grande nome da apologética cristã.

⁶⁵ Isaac Vossius (1618-1689) foi um acadêmico e colecionador de manuscritos holandês.

⁶⁶ Jan Gruter (*Johannes Gruterus*, *Jan van Gruytere*, *Ranutius Gherus*) (1560-1627), foi humanista, historiador, professor de história da Universidade de Wittenberg (1586), bibliotecário da Universidade de Heidelberg (1602), antiquário, antologista, erudito e epigrafista flamengo.

⁶⁷ Paulo Sarpi (1552-1623) foi religioso, teólogo, historiador, astrônomo, matemático, físico, anatomista, escritor e polemista italiano da *Ordem dos Servos de Maria*. Autor da célebre *História do Concílio de Trento*, imediatamente colocada no *Index librorum prohibitorum*; foi tenaz opositor da Igreja Católica, defendendo as prerrogativas da República veneziana, atacada pelo interdito fulminado por Paulo V.

⁶⁸ *De Eucharistiae sive Coenae Dominicae Sacramento libri III* (Três livros sobre o Sacramento da Eucaristia ou da Ceia do Senhor) de 1655.

⁶⁹ Jean Daillé (*Dallaeus*) (1594-1670) foi um ministro huguenote e comentarista bíblico.

⁷⁰ John Montagu ou Mountague (ca. 1655-1728/29) foi um clérigo e acadêmico inglês.

⁷¹ Étienne de Courcelles (*Stephanus Curcellaeus*; 1586-1659) foi um arminiano estudioso do grego e tradutor.

⁷² Cornelius van Poelenburch ou Poelenburgh (1590/95-1667) foi um pintor holandês do século de ouro.

⁷³ Caspar Schoppe (1576-1649) foi um estudioso e humanista alemão. Célebre em seu tempo como latinista, ocupou-se também de gramática e de filosofia: a sua obra prima é talvez a *Grammatica philosophica*, publicada em Milão em 1628.

portaram-se como parteiras; quaisquer relíquias de Scaliger⁷⁴, Perrônio, Thou⁷⁵, e o que esperamos de muitos outros ainda extraídas pelos Irmãos Dupuy⁷⁶, através de Isaac Vossius agora se comunicam ao público. Gronovius e Graevius⁷⁷ coligiram as cartas de Casaubon⁷⁸; Clemente, as de Saumaise⁷⁹; o mesmo fez Isaac Gruter com as de Grócio, Goldast as cartas filológicas de vários outros; Peucer, Pezéliu, Manlius e recentemente Tomás, Schlussemburgius, Heins, Bert, Gabena e Poelenburch publicaram as cartas teológicas de Melâncton. Fazer referência a todos seria infinito. Ademais, há ainda sem dúvida, aqueles que assumem publicar coisas inéditas, talvez, possam ser perdoados, mas servir novamente a couve uma vez cozida parece ser coisa degradante, nem o famélico usa, mas é um perigo público. Este é o derradeiro esteio, que eles querem remover, se o rechaçarmos, a edição será suficientemente livre do trabalho alheio. Mas não é necessária nenhuma muito grande fadiga, quando não se pode negar que frequentemente manuscritos raros são impressos ou espalhados por culpa da fama, ou ainda escondidos por causa do ódio ou do desprezo. Certamente a obra de Nizólío, que agora apresento, não me envergonho de que, então, não se diga agora que não estavam nas mãos de muitos. Não me orgulho disso, que não pareça eu julgar os outros, a partir de minha fama de bibliotecário, que é pequenina, como sendo homens doutíssimo e versadíssimos neste gênero de estudos, os quais ou nunca ou muito raramente se confessaram como expertos. Como não retenho prudente alguém que me considera vicioso, posto que noutras coisas já se provou em todas as partes. Certamente, os famosos eruditos ingleses que coligiram os trabalhos de tantos outros sobre a Sagrada Escritura em um único volume de uma Bíblia crítica, conseguiram o aplauso de todos. Johann Fichard⁸⁰, jurisconsulto de Francoforte, trabalhou diligentemente para completar a edição [de textos] jurídicos egrégios pela Itália e pela Espanha, mas na Alemanha raros de achar para edições renovadas. Lourenço Strauss, médico, fixou acertadamente o valor

⁷⁴ Joseph Justus Scaliger (1540-1609) foi um líder religioso e erudito francês, conhecido por expandir o conceito de história clássica da Grécia Antiga e da Roma Antiga para incluir história persa, babilônica, judaica e do Antigo Egito. Foi um estudioso dos textos clássicos latinos como filólogo e latinista.

⁷⁵ Jacques-Auguste de Thou (*Jacobus Augustus Thuanus*; 1553-1617) foi historiador, poeta e chefe de estado francês.

⁷⁶ Os Irmãos Dupuy (*fratres Puteani*) eram Pierre Dupuy (1582-1651) e Jacques Dupuy (1591-1656) ambos eruditos e bibliotecários franceses que publicaram a história de Jacques-Auguste de Thou.

⁷⁷ Johannes Georgius Graevius (*Johann Georg Graevius*, 1632-1703), foi um filólogo clássico holandês de origem alemã.

⁷⁸ Isaac Casaubon (1559-1614) foi um erudito protestante e humanista, considerado o mais importante estudioso helenista da sua época.

⁷⁹ Claude Saumaise (1588-1653) foi um célebre sábio, humanista e filólogo francês chamado o Príncipe dos Comentadores.

⁸⁰ Johann Fichard (1512-1580) foi um jurista alemão.

da obra e de várias outras coisas pelos opúsculos recusados conjuntamente nele com a edição do *Teatro Simpatético*. Quem não louva a Tipografia Real de Paris, Elzevir⁸¹, Blávio, que pelas suas notícias, ou histórias, ou memórias, ou Repúblicas ou Atlantes publicam tantos documentos (*monumenta*) importantes para bibliotecas, caso contrário ficaram escondidos. Foi o mesmo escopo para os editores do *Vellus aureum*⁸², da *Ars aurefica*⁸³, do *Theatrum Chemicum*⁸⁴, que eles sentem com desejo, que dedicados a estes esforços de pesquisar e também de descrever muitas coisas secretas, que agora são fáceis de obter, [que eles] desbastaram com um penoso ônus. Os estudiosos de história e das antiguidades agradecerão a Jan Gruter, ainda que nada de seu fosse retocado, mas somente trabalhos utilíssimos coligidos de outros, tanto no estímulo crítico quanto no político crônico dos crônicos (onde seu nome sob o nome do belga Gualter, não escondeu com necessário pudor). Mas chegamos a partir da coletânea em um só volume a certos escritos recenseados muitos ou de certos autores. Vorburgius fez novamente luz a Biondo⁸⁵, Hortlederus outrora editou o *De Comitiiis*⁸⁶ de Onófrio, e pouco depois Lambeck⁸⁷ edita o πολυμαθίστατος⁸⁸ com suplemento; Grócio

Agradeceu a Crodésio por essas boas coisas,

Porquanto os escritos verdadeiros de Cassandro são usados com frequência.

Malincrotius escolhera, conforme ouvi, recensear, purificar e defender [os textos] de Erasmo. Neuhaus⁸⁹ editou as *Allatiana* e *Niciana* à moda batava; Gassendo publicou as

⁸¹ Elzevir é o nome de uma celebrada família de livreiros, publicadores e impressores holandeses do século XVII e XVIII.

⁸² *Chrysopoeia et Vellus aureum* (Crisopeia e Velo de ouro) é um livro de João Aurélio, publicado em 1639.

⁸³ *Ars aurefica* (A arte de fazer ouro) é um livro de alquimia que recolhe textos de diversos autores de diversas épocas, editado em 1593.

⁸⁴ *Theatrum chemicum* (Teatro químico) é um compêndio de escritos alquímicos publicados em seis volumes ao largo de seis décadas. Os três primeiros volumes foram publicados em 1602, ao passo que o sexto volume final foi publicado integralmente em 1661. *Theatrum chemicum* segue sendo o trabalho coletivo mais exaustivo sobre o tema da alquimia jamais publicado no ocidente.

⁸⁵ Flávio Biondo (*Flavius Blondus*, ca. 1388-1463) foi um humanista, historiador, arqueólogo, erudito, enciclopedista, antiquário, filólogo e latinista italiano. Foi o primeiro a cunhar o termo Idade Média e um dos primeiros a ocupar-se com o estudo sobre a Antiguidade, sendo considerado precursor da arqueologia.

⁸⁶ Trata-se de um livro chamado *De Comitiiis Imperatoriis* do historiador italiano Onófrio Panvínio (1530-1568).

⁸⁷ Peter Lambeck (mais conhecido como *Lambeccius* ou *Lambecius*; 1628-1680) foi um filólogo, bibliotecário e crítico literário alemão.

⁸⁸ Πολυμαθίστατος (*polymathístatos*) esta palavra tem sua origem em πολυμάθεια (*polymátheia*) que indica alguém de grande saber. (N. do T.)

⁸⁹ Balthold Neuhaus (*Nihus*, *Nihisius*, *Niehus*) (1590-1657) foi bispo católico, filósofo e médico alemão, autor de obras de carácter teológico e sobre literatura latina.

Institutiones de Galileu; Bernegger editou do mesmo Galileu ao *Compasso proporcional*⁹⁰, ambos são homens não só na mathesis como também os mais versados em qualquer tipo de erudição, um na Alemanha outro na França, revestiram uma vestimenta renovada. O doutíssimo Johannes Andrea Bósio publicou a sinopse da política de Lípsia deste Bernegger; Schoockius a Clapmarius; Jacob Tomás, homem de solidíssima erudição, defendeu do crime imposto de plágio a Wowerius; Boecler⁹¹, muito célebre por seu próprio mérito, publicou o direito natural e das nações de Seldeno (e o Frederico III e Eneas Sívio, que será publicado logo). Nem Francisco Mercúrio van Helmont⁹² trouxe novamente ao mundo o mais notório Otaviano de Pisano por seu engenho indigno, em Jacob Masenius também editou os *Annales Trevirenses* de Brower, que estão no prelo. Primeiramente para os alemães Hermann Conring, para os franceses Gabriel Naudeus, ambos médicos, ambos doutos em várias e eloquentes coisas, assumiram os frutos há pouco expostos e implantados; Naudeus os de Nifo, de Cardano, de Campanella; Conring os do próprio Naudeus e de Scioppo, de Maquiavel, de Hopper, de Claramont, de Starovolsky, de Cassandro, de Wicell, de Viotto. Retenho, na verdade, pouco a se temer, que o vitupério e a fama incorram a todos estes vários culpáveis.

II. Sobre as *Concordâncias ciceronianas* de Nizólio

Agora, chegamos ao nosso autor, a quem estamos publicando, e ao assunto, de que trata um erudito do mundo, acredito que desconhecesse quase que completamente a Mário Nizólio⁹³ de Brixelo⁹⁴, a não ser que fosse esclarecido pelos trabalhos gramáticos, pelos quais merecidamente o adaptes ao *De Apibus* de Virgílio⁹⁵: «Um trabalho de modesto conteúdo, mas não de modesta glória»⁹⁶. E assim se fez com frequência, para que homens doutos conseguissem fama para aqueles escritos, para os quais eles menos esperavam. Quem, com efeito, duvidará que Nizólio se empenhou a partir da Reforma da Filosofia, que lhe deu maior fama, do que as *Concordâncias de Cícero*⁹⁷? Ainda que o Catálogo de Cícero [*Index Ciceronianus*] permaneça e permanecerá tanto tempo quanto o próprio Cícero, a Filosofia de Nizólio escapa, com

⁹⁰ Refere-se à versão latina *De proportionum instrumento a se invento, quod merito compendium dixeris universae geometriae, tractatus*, do texto italiano *Le operazioni del compasso geometrico et militare*.

⁹¹ Johann Heinrich Boeckler (*Johannes Boeclerus*, 1611-1672) foi um polímata alemão.

⁹² Francisco Mercúrio van Helmont (1614-1698/1699) foi um escritor e alquímico flamengo.

⁹³ Mário Nizólio ou Nizólio (1488-1567) foi um humanista e filósofo italiano.

⁹⁴ Brixelo ou Brescello é um município italiano da província da Emilia-Romagna, no norte da Itália.

⁹⁵ O livro *De apibus* (sobre as abelhas) constitui o argumento do livro IV das *Geórgicas* (*Georgicon*) de Virgílio.

⁹⁶ «*In tenui labor, at tenuis non gloria.*» (Georg. IV,6)

⁹⁷ Aqui Leibniz seguramente se refere ao *Observationes in M. Tullium Ciceronem*, Brixelo (Brescello) 1535.

dificuldade, de quase se sufocar em sua própria origem. Não ignoro a indignação de Majorágio e Grifolus⁹⁸, por ocasião da disputa que o Calcagninus movera [sobre o livro *Sobre os Deveres* de Cícero⁹⁹; então Henri Estienne¹⁰⁰ no diálogo a Nizólio professor ou preceptor dos ciceronianos nizolianos escreve que era menos moderado do que Nizólio, e foi desprezado pelos críticos, em toda parte, pelo elevado orgulho, mas um motivo pessoal motivou Henri Estienne, pois se percebe que estava limitado o Dicionário da língua latina¹⁰¹ de seu pai Robert Estienne à obra de Nizólio; outros homens também doutíssimos, que não suportavam Nizólio, se tivessem vivido nos tempos de Nizólio, tenho certeza de que pensariam diferentemente. Célio Segundo Curião¹⁰², homem excelentíssimo, certamente julgou de outro modo, ele apropriou-se da riqueza e da resenha do Catálogo de Cícero com consciência e consentimento do próprio Nizólio; do mesmo modo se apoderaram Basílio Zanchi¹⁰³, Marcelo Squacialupi¹⁰⁴, e Tiago Celário Augustano¹⁰⁵.

III. Sobre os estudos filosóficos de Nizólio

Parece que chegaram às meditações filosóficas com essa mesma leitura diligente de Cícero. Como parecesse ter sido tratado por Cícero cada sutilíssimo argumento sobre os deuses, o destino e a adivinhação, o fim das coisas, a arte de pesquisar, discorrer e julgar, as obrigações, em toda parte, da república e da vida humana, ao mesmo tempo e forma cuidadosa, acessível¹⁰⁶

⁹⁸ No *Dictionnaire historique et critique de Pierre Bayle*, tomo 2, Paris, 1820, p. 142-8, no lema Majorágio, aparece a questão da querela havida entre Majorágio, Morhof, Grifolus, Nizólio e Calcagninus sobre o livro *Officiorum* de Cícero.

⁹⁹ *O De officiis (Sobre os Deveres)* é uma obra político-filosófica de Cícero, que trata dos deveres a que todo homem deve ater-se enquanto membro do estado. A obra está dividida em três livros: o primeiro trata do conceito do *honestum* (bem moral) em relação ao qual se estabelecem os deveres, isto é, os comportamentos moralmente válidos e que se desenvolve em quatro virtudes fundamentais (sabedoria, justiça, fortaleza e temperança); o segundo trata do útil, em que os deveres estabelecidos com base nesse critério são os mesmos do precedente livro; enfim, o terceiro e último livro trata do conflito entre útil e honesto.

¹⁰⁰ Henri Estienne, o Jovem (1528-1598), chamado de O Grande, (1528-1598) foi impressor, filólogo, helenista e humanista francês, filho de Robert Estienne (1503-1559) e neto de Henri Estienne, o Velho (1470-1520).

¹⁰¹ Trata-se do *Dictionarium seu Latinae linguae Thesaurus*, de 1538.

¹⁰² Célio Segundo Curião (*Caelius Secundus Curio*; 1503-1569) foi um humanista italiano da Renascença, autor de trabalhos de filologia latina e de teologia.

¹⁰³ Basílio Zanchi (1501-1560) parece ter sido guardião da Biblioteca do Vaticano, foi um lexicógrafo italiano e muito contribuiu para as observações de Nizólio sobre Cícero.

¹⁰⁴ Marcelo Squacialupi (1538-1592) foi um médico e herege renascentista italiano, alinhado a doutrinas antitrinitárias e anabatistas.

¹⁰⁵ Tiago Celário Augustano (*Jacobus Cellarius Augustanus*, 1520-1569) foi um pastor protestante. Chamava-se Francisco Celário, mas quando entrou para a ordem franciscana recebeu o nome de Tiago. Depois de ordenado padre, converteu-se ao protestantismo e foi perseguido pela Inquisição.

¹⁰⁶ No texto latino, Leibniz usa *latine*, isto é, *em latim*. Optamos por traduzir por *acessível*, por julgarmos que, à época, escrever em latim era o meio de tornar o escrito acessível a mais estudiosos. (N. do T.)

e de maneira esplêndida, para não dizer elegante e em grande quantidade. O nosso Nizólio, homem bom e engenhoso, não somente começou a desprezar, merecidamente, a infeliz maneira de argumentar dos escolásticos, suficientemente [cheia] de falta de compreensão, [com] muito pouco de coisas úteis, e nada contendo de elegância; mas também assumiu essa sua opinião, e para confirmá-la, restaurando as artes proféticas naquela época, [assumiu também] o encargo de expor publicamente suas reflexões. Na verdade, em várias passagens em seus escritos, ele admite esquecer tais coisas, e como é conveniente dar-se crédito, em dada ocasião, adverte oralmente. Mas para o justo trabalho, feito até agora de modo preciso, parece que ele prolongou na circunstância favorável, que sucede. Célio Calcagnino escrevera, na Basileia, editadas por Frobenius¹⁰⁷, no ano 44 do século passado¹⁰⁸, umas disputas ou dissertações, nas quais repreendera um pouco mais livremente os *Deveres* de Cícero. Em seguida, isso atormentou os homens doutos, cultores de Túlio [Cícero], dentre os quais Tiago Grífolo, em Roma, Marcos Antônio Majorágio, em Milão, a editar uma defesa de Cícero, [nas oficinas] de Aldo. Mas sobrevindo Nizólio, que atribuiu-se superar Célio, pois atacava a Cícero, e Majorágio, pois pensava que podia defender juntamente a Cícero e a Aristóteles. Este escrito de Nizólio quer tendo sido impresso separadamente, quer, a título de defesas de algumas passagens de Cícero, tendo sido acrescentado à edição veneziana dos *Deveres*, no ano de 1554, in-fólio¹⁰⁹. Joachim Camerarius¹¹⁰ e Hieronymus Wolf¹¹¹ publicaram também partes de Cícero, do mesmo modo que o famosíssimo Samuel Rachel¹¹² ocupou-se com esforço louvável em explicar a filosofia moral de Cícero. Mas Majorágio declarou ter sido criticado por Nizólio [que] não [foi] atacado mais indignamente do que pela fraqueza da injúria, sendo estimulado por Otaviano Ferrari¹¹³, peripatético célebre e erudito, que invejava Nizólio, e não podia suportar aquela liberdade de julgar a respeito de Aristóteles. Majorágio confiando na ajuda dele, escreveu assaz acerbamente dois livros de *Repreensões* contra Mário Nizólio, aos quais chegou à recusa de todos eles, que

¹⁰⁷ Hieronymus Frobenius (1501-1563) foi editor e livreiro suíço, filho do tipógrafo suíço Johannes Frobenius (1460-1527) e pai de Ambrosius Frobenius (1537-1602).

¹⁰⁸ Seguramente 1544, visto que Leibniz escreve em 1670.

¹⁰⁹ In-fólio é nome que se dá, em editoração ao método de impressão no qual uma folha impressa é depois dobrada ao meio, de modo que os cadernos tenham quatro páginas, duas de cada lado. Por extensão também se chamam in-fólio aos livros impressos com este método.

¹¹⁰ Joachim Camerarius, O Velho (*Johann Kammermeister, Johann Liebhard, Joachim Camerarius*, 1500-1574) foi humanista, poeta e erudito clássico alemão. Traduziu obras de autores gregos e latinos.

¹¹¹ Hieronymus Wolf (1516-1580) foi um historiador e humanista alemão do século XVI, mais famoso por introduzir um sistema de historiografia bizantina que eventualmente se tornou o padrão em obras de história grega medieval.

¹¹² Samuel Rachel (também: *Rachelius*; 1628-1691) foi um jurista, bibliotecário e diplomata alemão.

¹¹³ Otaviano Ferrari (1518-1586) foi um humanista italiano e professor na universidade de Pádua e de Milão.

Nizólio anotou nas decisões do próprio Majorágio como sendo mal colocada. Finalmente, assim impelido, Nizólio, depois de submeter tudo a um exame acurado, editou os quatro livros *Sobre os verdadeiros princípios e a verdadeira razão do filosofar*, nos quais, retomando suas opiniões repreendidas por Ferrari e Majorágio, antes de terem sido publicadas, não somente publica, senão também defende as dadas obras como um escrito justo. Majorágio, entanto, recorda-se tão somente do prefácio e do capítulo 6 do livro IV, onde defende que a *Ética a Nicômaco* não seja de Aristóteles a Nicômaco, mas do próprio Nicômaco, subtraindo-se, indubitavelmente, a um debate inútil, incumbindo-se, mormente, daquilo que precisa ser explicado. Esta inscrição da obra está na edição, donde expressamos esta notícia: «Os quatro livros de Mário Nizólio, de Brixelo, *Sobre os verdadeiros princípios e sobre a verdadeira razão do filosofar contra os pseudofilósofos*, em que se estabelecem firmemente todos os verdadeiros princípios das verdadeiras artes e ciências, refutados e rejeitados quase todos os princípios falsos dos dialéticos e metafísicos; ademais, refutam-se a quase todas as objeções de Marco Antônio Majorágio contra o próprio Nizólio editadas até este dia. Em Parma, [na editora] de Sétimo Vioto, em 1553 in-fólio». Talvez Nizólio tenha demonstrado alguma coisa em filosofia, mas, na verdade eu desconheço. Aprendi, no entanto, uma coisa: que ele traduziu a explicação de Galeno das palavras obsoletas de Hipócrates. O livro corrigido por ele, publicado em Veneza por Juntus com as obras de Galeno no ano de 1550. Houve outro Nizólio em Parma, talvez aparentado ao nosso, todavia, inferior, jurista de profissão, cujas alegações de direito sobre as *Enfiteuses* foram publicadas em Parma na editora de Brudon in-fólio, em 1603. E também estas coisas se apresentaram, sem dúvida, sobre um autor que pesquisa não muito curiosamente, deve-se acreditar que teve a mesma sorte de Lorenzo Valla¹¹⁴, a quem o nome de gramático ofendia e fazia que não pudesse mover muito os ânimos dos homens, já antes disso foi atribuído pelos

¹¹⁴ Lorenzo Valla (*Laurentius Valla*, 1406/1407-1457) foi um humanista, orador, educador e filósofo italiano, considerado o pioneiro da crítica histórica e filosófica.

imperitos a Pedro Abelardo¹¹⁵, o mesmo a Ângelo Poliziano¹¹⁶, a Juan Vives¹¹⁷, a Erasmo¹¹⁸, a Andrea Alciato¹¹⁹, como também a Jacques Cujas¹²⁰, enfim, recentemente, a Salmásio¹²¹ e a Grócio¹²², dentre outros, e Maximiliano Sandeu¹²³ recolheu muitos impropérios contra os gramáticos, se bem que ele era homem, por instituição e profissão de tal modo particulares, γραμματικώτατος¹²⁴. Ainda que as coisas que se depreendam sejam infundadas, e, na realidade, não sejam mais gramáticos do que os que conduzem logomaquias perpétuas sob a égide venerável da filosofia, e o povo, no entanto, nem sequer pode se eximir completamente disso.

Mas parece que isso obstasse os progressos de Nizólío, pois escrevera na Itália, em que ainda reina, mais favoravelmente, Aristóteles com os escolásticos.

É demasiado conhecido, com efeito, o que aconteceu a Francesco Patrizi¹²⁵, a Cardano, a seu apologista Campanella, a Giovanni Francesco Pico¹²⁶ para que mereça uma referência.

Some-se a condição daquele século, no qual a verdade começava apenas a se mostrar como entre ruínas e a emitir algumas faíscas, à guisa de pequenas tochas que entre as manchas solares, às vezes, exurgem e, à guisa de faíscas que voam junto com a fumaça.

¹¹⁵ Pedro Abelardo (*Pierre Abélard* ou *Petrus Abælardus*) (1079-1142) foi um filósofo escolástico francês, teólogo e grande lógico. É considerado um dos maiores e mais ousados pensadores do século XII.

¹¹⁶ Angelo Ambrogini (1454-1494), mais conhecido como Poliziano (*Politianus*), foi um humanista, dramaturgo e poeta de Florença, um dos artistas que reviveram o latim durante o Renascimento. Sua erudição foi fundamental na divergência entre o Renascimento Humanista das normas medievais e no desenvolvimento da filologia. A alcunha na qual ficou conhecido, Poliziano, deriva de seu local de nascimento, Montepulciano, em latim (*Mons Politianus*).

¹¹⁷ Juan Luís Vives (1492-1540) de seu nome *Joan Lluís Vives*; *Ioannes Lodovicus Vives* (em latim), foi um humanista de origem judaica nascido em Valência. Tendo vivido em Flandres, foi contemporâneo e amigo do holandês Erasmo de Roterdão, do inglês Thomas More e do português Damião de Góis.

¹¹⁸ Provavelmente, Erasmo de Roterdão ou Roterdã (1466-1536), que foi um teólogo e um humanista neerlandês que viajou por toda a Europa, inclusive Portugal.

¹¹⁹ Andrea Alciato (1492-1550) foi um jurista e escritor italiano radicado na França.

¹²⁰ Jacques Cujas (ou *Cujacius*) (1522- 1590) foi um jurista francês. Destacou-se entre os juristas humanistas ou da escola *mos gallicus*, ele tentou abandonar o trabalho dos comentadores medievais e se concentrar em determinar o texto correto e o contexto social dos trabalhos originais do direito romano.

¹²¹ Vide nota 65.

¹²² Vide nota 50.

¹²³ Maximilian van der Sandt (1578-1656), conhecido como *Sandaus* ou *Sandaeus*, foi um notável teólogo holandês jesuíta. Escreveu muitas obras sobre filosofia e teologia, entre outras uma notável e controversa resposta ao calvinista batavo Lawrence em defesa da doutrina moral dos jesuítas, intitulado *Castigatio conscientiae Jesuiticae cauteriata... a Jacobo Laurentio*, em 1617.

¹²⁴ Γραμματικώτατος (transl.: *grammatikōtatos*), é um superlativo: *gramatiquíssimo*.

¹²⁵ Francesco Patrizi (em latim: *Franciscus Patricius* 1529-1597) foi um filósofo e escritor italiano, de orientação neoplatônica. Não há muitas notícias sobre sua vida; os *insights* extraídos de seu trabalho eram conhecidos por seus sucessores apenas por meio de outros pensadores. Sua obra começa a ser discutida apenas por volta do século XIX.

¹²⁶ Pico della Mirândola - Giovanni Francesco II Pico, mais conhecido como Gianfrancesco II Pico (1469-1533), foi um nobre italiano, filósofo e erudito, senhor de Mirândola e conde da Concórdia em três períodos diferentes: primeiro de 1499 a 1502, depois novamente por alguns meses em 1511 e finalmente, mas desta vez privado de Concórdia, de 1514 a 1533; finalmente ele será assassinado por seu sobrinho Galeotto II Pico, seu sucessor final.

Em nosso tempo a luz é maior também ou isto é, pelo menos, confessado que Aristóteles poderia ter errado.

IV. A lógica compreende os princípios do filosofar

Agora deve-se aproximar do argumento da obra, intitulou, contudo, *Sobre os verdadeiros princípios e a verdadeira razão do filosofar*, com um título mais magnífico, admito, do que merece. Não há, com efeito, em toda a obra, nada mais do que uma lógica reformada e convocada à pura e própria razão do falar, o verdadeiro título do livro, na verdade, teria a mim por autor, mas eu não quis ser intempestivamente engenhoso em coisas alheias imutáveis. Rompeu com a Metafísica aqui e ali, e não trouxe nada, que desvelasse os princípios da Metafísica, a não ser na medida em que são conhecidos dos dialéticos, e em nenhum lugar defendeu o tratado do uno e do múltiplo, do todo e da parte, do mesmo e do diferente, do necessário e do contingente, da causa e do efeito, da mutação e da duração, e de outras considerações da metafísica. Não há qualquer menção das coisas naturais e matemáticas, com dificuldade, toca nas coisas civis. Com não achasse eu nenhuma desculpa de um tão magnífico título, a não ser uma só: que a verdadeira lógica não é só um instrumento, mas, de qualquer forma, contém os princípios e a verdadeira razão do filosofar; pois que traz umas regras gerais, das quais se pode julgar o verdadeiro do falso, usando só definições e experimentos pode-se demonstrar todas as conclusões. Mas serão também princípios não da filosofia, não das próprias proposições, não fabricarão a verdade das coisas, mas demonstrarão. Não obstante construirão o filósofo, serão os princípios do reto filosofar, que basta a Nizólio tutelar.

V. Sobre a razão do discurso de Nizólio

Assim, contudo, dividiremos o que resta do prefácio, primeiro discorreremos sobre o uso daquilo que retamente foi analisado por Nizólio, depois sobre, em certo sentido, vários erros dele. O uso das meditações de Nizólio contém o escopo não só desta edição reiterada, para ser, deste modo, uma incumbência pouco diligente. Duas coisas me parecem devolver o digno Nizólio principalmente com esta edição: a razão do discurso e o tempo do autor; a razão do discurso, porquanto é digna do filósofo; o tempo do autor, posto que [este] autor é digno do nosso [tempo], certamente, naquele tempo em que viveu as meditações não tiveram sucesso senão através de solidíssimo e diligentíssimo engenho. A razão do discurso, que ele não somente emprega, senão também ininterruptamente exorta, pareceu, não há muito tempo, digna

a homens consistentes, a qual, paulatinamente foi reconduzida como que em anistia às escolas. A razão natural e própria do discurso simples e perspicua, e livre de qualquer distorção e mácula, tanto fácil quanto popular, [é] retirada do seio da sociedade, adaptada às coisas, ajudando com sua luz principalmente a memória, do que confundindo o juízo com uma agudeza inútil e zombadora. Mas serviu-nos aqui para não cairmos no erro, por isso retomamos o justamente discurso grandioso, transferido e protegido.

VI. Sobre a linguagem filosófica

Três parecem-me ser as vantagens da linguagem [*oratio*] sobre todas as demais: clareza, verdade e elegância. Principalmente porque é a utilidade das coisas. Clara é a linguagem [*oratio*] cujos significados de todas as palavras são conhecidos somente ao que presta atenção. Verdadeira é a linguagem [*oratio*] que se percebe pelo sentido e pelo intervalo disposto: (pois que o intelecto é a medida da clareza, o sentimento a medida da verdade) a definição mais verdadeira da verdade é única, tudo aquilo que até aqui ficou dito, e pelo qual se podem demonstrar todos os cânones de julgar retamente. Mas expor isto é matéria para outra oportunidade, mostraremos isso aqui só como exemplo.

Esta sentença [*oratio*]: Roma está localizada às margens do Tibre, é verdadeira, pois como se sente o que se diz, nada mais se exige além daquilo que se sente e que seja o intervalo direto; sem dúvida, o que sente não deve ser cego ou surdo e o intervalo ou meio não deve ser demasiado grande. Isso posto, se eu estiver em Roma ou próximo de Roma, acontece que eu veja duma só vez tanto a cidade quanto o rio, e assim que essa cidade está às margens desse rio, mas ouça dizer que essa cidade é Roma e que o rio é o Tibre. Igualmente, de forma abstrata, esta [outra] sentença [*oratio*]: o dobro é par, é verdadeira, pois se vejo (ouço, toco, penso) o dobro, vejo um e outro (pela definição de dobro percebida pela leitura e pelo ouvir dizer) e nada mais; vejo, portanto, as duas partes do dobro absolvendo tudo, um e outro, iguais entre si, pois o um é igual ao outro. Entretanto, o número cujas duas partes absolvem a totalidade ou que a integram são iguais e se chamam de par (pela definição de par percebida pela leitura e pelo ouvir dizer). Portanto, quem percebe que o número proposto é dobro, percebe também que ele é par, e, por isso mesmo, a sentença [*oratio*] proposta é verdadeira.

Elegante é a linguagem [*oratio*], que, pelo ouvir e ler, é jucunda. Como, entanto, nos seja um discurso [*sermo*] sobre a linguagem [*oratio*] filosófica e do estilo que lhe é próprio, por agora deixamos de lado a elegância, mesmo que manifestemos muito poder para chamar a

atenção, para mover os espíritos, para impregnar mais fortemente a memória. Somente a razão da certeza deve ser referida, quanto o argumento apreenda. A certeza, no entanto, ainda que advenha algum indicador muito rigoroso, não demonstrará ser nada, depois que a clareza da verdade, deste modo, decorreu, a partir a mesma noção de certeza da linguagem [*oratio*] filosófica, que são, na verdade, vantagens: a certeza do que se busca, a clareza e a verdade. E, no entanto, é patente que a verdade da proposição não pode ser conhecida, a não ser que seja conhecido o significado das palavras, isto é, (pela definição de clareza), a não ser que seja clara.

VII. Sobre a evidência [*perspicuitas*] do estilo filosófico

A clareza não é uma propriedade somente das palavras, senão também da construção. Pois que se a construção não for clara, é certamente notório, o que as palavras signifiquem simplesmente e tomadas por si mesmas, mas não o que signifiquem neste argumento referido a outras coisas. Mas nossos filósofos, oradores e, mormente, poetas soem pecar por obscuridade da construção, de nossa parte, deve-se dizer, principalmente, sobre a clareza das palavras [*vox*]¹²⁷ em si mesmas consideradas. Dois defeitos se opõem à clareza ou ao conhecimento do significado: a demasiada obscuridade, e como posso dizer, a ambiguidade, naquela nenhum significado é conhecido, nesta muitos significados aparecem simultaneamente, mas é incerto o que seja a verdade. Ademais, a clareza da palavra nasce de duas fontes, ou da palavra [*vox*] por si mesma, ou das circunstâncias da linguagem. A clareza da palavra [*vox*] por si mesma de novo tem duas fontes: a origem e o uso. A origem, no entanto, da palavra [*vox*] resolve-se finalmente em duas coisas: o uso dos radicais e a analogia da derivação feita a partir do radical. O uso é o significado da palavra [*vox*] em uma mesma língua comumente conhecido dos usuários. A analogia é o significado da flexão ou da derivação em uma mesma língua, igualmente, conhecido dos usuários, por exemplo, o uso ou o significado da palavra [*vox*] *Fatum* [fado, destino], entendida [a palavra *fado*] como uma necessidade dos eventos, a origem dela se compõe de uso do radical e de analogia: o radical é *for* ou *fari* [dizer]; o uso do radical é *dizer*. A analogia do *fatum* é: *fatum* significa em latim o particípio perfeito passivo do radical, condicionando-se, na origem, *fatum* àquilo que se diz. Geralmente, no entanto, o uso começou originalmente por um tropo qualquer, como fica claro no exemplo proposto, pois na origem

¹²⁷ Os termos *vox*, *vocabulum* e *verbum* poderiam ser traduzidos por *voz*, *vocabulo* e *verbo* em português. O primeiro ficaria deslocado; o segundo, obscuro, e o terceiro, um pouco mais claro. Em todos o sentido subjacente é o de *vocalização*. Optamos por traduzir a todos por *palavra*, deixando, entanto, indicado entre colchetes o termo latino usado por Leibniz.

fatum [fado] é a mesma coisa que *dictum* [dito], pelo uso é o mesmo que por necessidade do futuro. Vejamos, então: o que se diz dele seja por necessidade coisa futura, e é manifesto que as coisas seguem só o que Deus diz. Destarte, o *fatum* é originalmente o *dictum*, daí por antonomásia ou *κατ'ἐξοχήν*¹²⁸ dito de Deus, daí, ademais, por sinédoque o dito de Deus a respeito das coisas futuras ou decreto de Deus, donde, finalmente, por metonímia de causa, por necessidade do futuro que por agora é o uso [emprego] da palavra [*vox*]. Donde, para dizer assim, se pode deduzir que o uso da palavra [*vox*] pela origem é próprio dos bons gramáticos e também dos filósofos através de contínuos sorites de tropos. Nessa arte, primeiramente, vejo que o artífice é Júlio César Scalígero¹²⁹, cujos livros pereceram não por insignificante prejuízo das origens e também da filosofia, a não ser na medida em que o filho¹³⁰ usou de suas anotações sobre Varrão¹³¹, discordando, no entanto, de muitas coisas, que o pai publicara, divulgando em seus próprios escritos. Mas temos mais erudição nas meditações do filho, assim como nas origens do pai abandonamos muita agudeza e filosofia. Ademais, nas palavras [*vocabulum*] usadas, deve-se ter a seguinte regra: se a origem difere do uso, que sigamos o uso mais do que à origem do dizer, mas no uso, ou em dúvida, ou por ser contraditório, nos apeguemos mormente à origem. Se o uso é múltiplo, deve-se empenhar em ou abstrair qualquer outro significado formal, que dizem, isto é, para dar o significado da palavra [*vox*], que contém em si todas as usadas, em que soem trabalhar os teólogos, primeiramente intérpretes das Escrituras hebraicas, entre os quais destacava-se Samuel Bohl¹³² na sua caça dos sentidos, ou se não pudesse fazê-lo, pelo menos constituía algum uso, como direi, originário, isto é, do qual fluam outros usos, como ele mesmo fluiu da origem, naturalmente pelos canais dos tropos. Deve-se trabalhar, entanto, em constituir o uso originário, para que seja o significado formal pelo menos da maior parte dos usos, até que possa fazer-se dele, do qual se deduzam outros usos. Mas em ambos, escolhendo, tanto pelo uso originário, quanto pelo significado formal, aquilo que *maxime* deve ser descoberto, a fim de que se escolha dentre as várias coisas oferecidas a que esteja mais próxima da origem da palavra [*vox*]. Contudo, uma vez, escolhido o significado, se a citação conduz à definição (definição, com efeito, nada mais é do que o significado expresso

¹²⁸ Grego antigo, *kat' exokhén*, que significa *por excelência*.

¹²⁹ Júlio César Scalígero (em italiano: *Giulio Cesare Scaligero* ou *della Scala*; em latim: *Julius Caesar Scaliger*, nome verdadeiro Giulio Bordone (1484-1558) foi um escritor, filósofo e médico italiano.

¹³⁰ Giuseppe Giusto Scalígero (*Joseph Justus Scaliger*, 1540-1609), filho de Júlio César Scalígero, humanista francês de origem italiana.

¹³¹ Talvez se refira a Públio Terêncio Varrão (também conhecido como *Varro Atacinus*), poeta na época de Júlio César.

¹³² Samuel Bohl (1611-1639), estudioso do hebraico e professor em Rostock

por palavras [*verbum*], ou mais brevemente, o [que o] significado significa) e que deve ser proposta ao ouvinte ou ao leitor. Para definir não se deve ter cuidado só com isto: que a definição seja reciprocamente verdadeira, mas também que seja clara.

VIII. Sobre os termos técnicos e populares

Deve-se fugir dos termos técnicos como sendo piores do que um cachorro ou uma cobra, e apartando-se, primeiramente, daqueles vocábulos principalmente os que se afastam do uso da língua latina. Deve-se firmar, com muita constância que, uma vez, posta a definição, de tal modo que, mesmo que tomes a definição pelo que é definido, não se siga uma locução absurda; mas, ainda que não exprimas nenhuma definição, o uso deve estar à mercê de uma palavra [*vox*] uniforme, de tal modo que possa ela ser substituída em ambos os casos pelo que é definido. Também fica claro que para determinado vocábulo, que significado deva ser empregado, vejamos também o contrário: que tal vocábulo dever ser empregado com um determinado significado. Por isso, deve ser conhecida a razão tanto da utilidade quanto da clareza. A clareza, contudo, é maior nos termos tomados da sociedade, conservado, ademais, o uso popular. A obscuridade está sempre, de alguma maneira, nos termos técnicos. Chamo de termo popular (convenha, com efeito, usar neste sentido o nome *termo*, para significar a palavra [*vox*] até onde possa significar, a não ser que prefiras substituir o nome do vocábulo, o que na verdade me é possível sem contragosto), quando forem usados tanto a palavra [*vox*] quanto o significado; [termo] técnico, quando ou a palavra [*vox*] ou então o significado for particular (ou próprio da humanidade ou de algum homem).

IX. Sobre a ὀνοματοποιία (onomatopeia)

Se a palavra [*vox*] for particular, segue-se, que seja feita por alguma ὀνοματοποιία (onomatopeia), quais sejam os muitos vocábulos do idioma *Rotwelsch*¹³³, cujo léxico resumido tem Gessner¹³⁴ no *Mithridates*. Primeiramente, contudo, deve-se prestar atenção nesse *vocabulificio*¹³⁵, para que não seja fruto do acaso e do próprio desejo, mas que se formem pela

¹³³ *Rotwelsch* ou Rodi (também conhecida, em alemão, como Gaunersprache) é uma língua mista derivada da língua alemã e do romani. Pode ser inteligível com variantes nacionais de romani.

¹³⁴ Conrad Gessner (tKonrad Gessner, Conrad von Gesner ou *Conradus Gesnerus*) (1516-1565) foi um naturalista suíço. A sua obra *Historia Animalium*, em três volumes (1555-1558), é considerada como marcante para o princípio da zoologia moderna. Gessner escreveu em 1555 o seu livro intitulado *Mithridates de differentiis linguis*, uma compilação de informação sobre 130 línguas conhecidas, e o *Pater noster* em 22 línguas.

¹³⁵ Leibniz usa a palavra *vocabulificium* (não se pode afirmar ter sido cunhada por ele), que serve a exemplificar o que defende neste parágrafo: que as palavras podem ser feitas a partir de um substrato, trabalhado pela razão.

razão, uma razão mais apta e louvável do que a comum. A razão tem tanto a aptidão de formar [vocábulos] a partir de um radical, quanto, de outro lado, pela maneira de formar. Deve ser usado o radical da coisa que nos esforçamos para designar através de um novo vocábulo; a analogia deve ser tanto admitida pelo uso quanto apta, o quanto possas tornar próxima, de modo que a definição, que pretendemos, de um novo vocábulo possa ser composta a partir do significado do radical e da analogia. Por exemplo, [a palavra] *heceidade* não tem uma analogia admitida pelo uso, melhor seria *hocidade* (ou *hocimônia*) como *quididade*¹³⁶ e não *quedeidade*. A partir do radical e por analogia pode-se compor a definição de *hocidade*, pois que o radical de *hocidade* é *hoc*¹³⁷, busca sempre através da analogia. Essa analogia, no entanto, ou a razão de derivar significa a razão da denominação no radical ou [significa ainda] a qualidade do radical enquanto seja tal, qual se diz, destarte a *hocidade* será a razão por que alguma coisa será dita *isto mesmo* (como Aristóteles define a qualidade, pela qual dizemos *de qual natureza é a coisa*) ou a qualidade disso à medida em *é isso mesmo* é. Nem é de admirar-se que as coisas abstratas se definam pelas concretas, pois que as concretas são mais conhecíveis. Se, então, não seja uma palavra [vox] nova, mas sim um significado [novo], deve-se ter cuidado, pois se o significado coincida, de qualquer modo, com uma palavra [vox], isto é, se é possível deduzir ou por causa dos tropos, ou a partir de seu uso comum, ou, pelo menos, a partir de sua origem; [ou] então se não pudesse existir uma palavra [vox] mais apta? Tudo isso deve ser explicado através de exemplos, se fosse próprio de meu desígnio perseguir mais tais coisas do que advertir [sobre elas].

X. Sobre o uso dos termos técnicos

A seguir, claramente deve ser carente de termos técnicos, como disse, e deve-se tomar cuidado com eles, a tal ponto que possam se formar [*feri*] dele, mas não podem se formar sempre, por causa da prolixidade, que poderia nascer, se se usassem sempre vocábulos populares. Pois, por exemplo, um Quadrado é um quadrilátero, equilátero, retângulo; mas a palavra [vox] (que claramente não mencionarei) para equilátero, quadrilátero e retângulo novamente é técnica, explique-se, portanto: equilátero é aquilo cujos lados são iguais; quadrilátero é aquilo cujos lados só são quatro; Lado é uma linha que delimita. Retângulo é aquilo cujos ângulos todos são retos; ângulo é o encontro das linhas; reto é o que é igual de

¹³⁶ Quididade é a essência mesma da coisa, o pronome latino *quid* diz da natureza essencial de algo. (N. do T.)

¹³⁷ *Hoc* é um pronome latino que indica uma identidade pela aparência. (N. do T.)

ambos os lados. Portanto, uma vez que se deve abster de termos técnicos, para a palavra [vox] Quadrado deveriam ser usadas sempre essas palavras [vox] simultaneamente: aquilo cujas linhas todas, que delimitam, são iguais, e cujas quatro linhas delimitativas são quatro; e todos os encontros da linha delimitativa para a linha delimitativa são iguais de ambos os lados. E, todavia, se se deve agir muito rigorosamente, até os vocábulos de linha, termo, encontro e igualdade deveriam ser ulteriormente explicados, pois como estão em uso não quadram exatamente nos conceitos dos geômetras, como nem a palavra [vox] quadrado, que tanto na origem como no uso comum pode ser atribuída a qualquer quadrilátero; tal como os geômetras, por antonomásia, só atribuem [à palavra] retângulo equilátero, como [sendo] o mais perfeito, quando seja molesto ou inepto em falar e demonstrar, usando sempre muitas outras palavras [vox] em vez de quadrado, acredito também que até um cego pode ver as coisas que disse em várias passagens, que podem ser acrescentadas na *Dissertação sobre Combinatória*¹³⁸.

Ainda que se consolide o juízo de que este desenvolvimento dos termos técnicos em meros [termos] populares, de onde nada ainda se fez na perfeita demonstração, além do que [já se fez] em um recente e conhecidíssimo desenvolvimento na definição de sujeito e de predicado; novamente, a definição dos termos que entram nas definições (ou qualquer demonstração que se faça em um lugar, ou por outras definições ou demonstrações nossas, ou de qualquer dos dois escritores, cujo uso dos vocábulos tornamos nosso, seja feita agora, às quais reenviamos), todavia, a memória será obumbrada. Era necessário, pois, pensar nos termos técnicos daquelas realidades, com os quais o povo, ou porque não prestou a devida atenção, não impôs nomes peculiares como linha quadrante¹³⁹, ou porque raramente usa, como as hipérboles e as parábolas, considerando que isso basta, contudo, se, às vezes, o uso exigir designar por uma circunscrição. E, na verdade, é bem verdade que nada existe, que não possa ser explicado através de termos populares ou pelo menos através de muitos [termos]. Daí que corretamente o nosso Nizólio está muito próximo em várias passagens, o que por nada nem por falso, nem por inútil deve ser considerado, à qual não seja imposta na língua comum outra palavra [vox] nem

¹³⁸ A *Dissertatio de arte combinatoria* (*Dissertação sobre Combinatória*) é uma das primeiras obras de Leibniz publicada em 1666 em Lúpsia. É uma versão estendida de sua dissertação de doutoramento, escrita antes de o autor se ter comprometido seriamente no estudo da matemática. O livreto foi reeditado sem o consentimento de Leibniz em 1690, que o levou a publicar uma breve nota explicativa na *Acta Eruditorum* (Fev. 1691, pp. 63-64). Durante os anos seguintes, lamenta repetidamente sua divulgação, porquanto ele a considerasse imatura. No entanto, foi um trabalho muito original e deu ao autor fama entre os estudiosos de seu tempo.

¹³⁹ Leibniz chama de *linea quadratrix*, isto é, uma linha quadradora, ou linha que quadra.

tampouco uma geral (isto é, como eu interpreto, aquela conexão que possa exprimir finalmente uma realidade do mesmo modo e especialmente com outros gerais).

XI. Sobre as diferenças do conhecimento filosófico e vulgar

Na verdade, os filósofos nem sempre estão à disposição do vulgo, porquanto experimentem outras coisas, mas por experimentarem de outro modo, isto é, com o olho da mente, e com reflexão ou atenção, e por comparação de umas coisas com outras; a atenção, porém, dos homens não pôde ser estimulada melhormente a uma outra coisa do que por determinado vocábulo imposto, que seria para mim mesmo um sinal para a memória, um sinal de juízo para com os outros. Demais, só falta, como os filósofos percebiam as coisas mas apartadas e nobres, do que os demais homens, ou antes contrariamente, ante que o incomparável Verulâmio¹⁴⁰ e outros homens famosos fizeram a filosofia voltar a essa nossa terra desde divagações de ar ou ainda desde um espaço imaginário e a fizeram voltar ao uso da vida, frequentemente um cabeleireiro teria compreensão mais sólida e iluminadas do que um alquimista, do que qualquer filosofastro, (com efeito, não negamos que, mesmo entre os filósofos, principalmente os que beberam das fontes de Aristóteles e dos antigos [haja] alguma fraude dos escolásticos, tenha havido homens solidamente doutos quanto ao uso) dentro dos claustros, apoiando-se só na *heceidade* ou na *hocidade*. Destarte, os filósofos, frequentemente, não percebem, senão as coisas que outros perceberam, percebem, no entanto, com atenção, aquilo que os outros negligenciam. Dessa forma, Joachim Jung¹⁴¹, de Hamburgo, um verdadeiro filósofo, observou, coligiu, ordenou e comparou entre si muitas espécies de insetos, sem dúvidas, vistas por muitos mortais, mas por todos até hoje desprezadas e calcadas ao pé, e, a partir dessa comparação impôs novos nomes. E essas coisas e outras, consideradas pelo famosíssimo Vogélio, de quem esperamos o quanto antes publicar [as meditações]. Às vezes, no entanto, confesso, até os filósofos percebem corpos ou qualidades dos corpos, [de uma forma] que outros nunca [antes] perceberam; tal como os químicos frequentissimamente produzem corpos novos, até então desconhecidos, através de misturas e dissoluções; o mesmo se dá com os compostos dos médicos, aos quais, também, se costuma dar um nome frequentemente o do mesmo autor, que tem efeitos maiormente quanto à eternização do nome

¹⁴⁰ Talvez se refira a Francis Bacon, também referido como Bacon de Verulâmio (1561-1626) foi um político, filósofo, ensaísta inglês, barão de Verulâmio e primeiro visconde de Saint Alban (*Verulamium*).

¹⁴¹ Joachim Jung ou Jungius (1587-1657) foi um filósofo, matemático e naturalista alemão.

[do autor] do que se lhe tivesse sido erigida uma estátua feita do aço mais sólido acrescida ainda de elogios. Sem dúvida alguma aquele que por primeiro usou o microscópio¹⁴² também viu qualidades novas, cores ainda desconhecidas. Nestes casos, pois, os nomes, que se devem formar, sejam eles novos ou velhos, através de determinados tropos e a partir de uma relação da coisa ou da qualidade nova, atualmente devem acomodar-se aos antigos.

XII. Sobre a filosofia segundo a língua filosófica e a vulgar

Isto, pois, deve ser aceite como certo, tudo o que não se pode ser explicado com termos populares, a não ser que conste em seu sentido imediato (como o são muitos gêneros de cores, odores, sabores) é nulo e deve ser afastado da filosofia como [se fosse] alguma poesia expiatória.

Por isso é um costume para alguns filósofos engenhosos insistir junto àqueles egrégios disputadores dialéticos que expliquem claramente todos os seus termos ou, se eles quiserem fugir desse incômodo, [que] desçam a alguma língua viva ou popular; e tentem nela expor suas ideias¹⁴³. Uma vez feito isso, seria de admirar se eles fossem consternados ou, se tentassem fazer aquilo, seriam ridicularizados pelos homens presentes, dotados de juízo e experiência, porém não inteiramente conhecedores da língua latina.

Eu reputo que, com certeza, foi por essa razão que na Inglaterra e na França lentamente o método escolástico de filosofar caiu em desuso, pois já há algum tempo aquelas nações começaram a cultivar a Filosofia na sua própria língua, de tal forma que até pessoas do povo e mesmo mulheres puderam julgar a respeito de tais assuntos.

A mesma coisa, sem dúvida, teria acontecido entre os italianos, se não tivessem vindo os teólogos escolásticos auxiliar os filósofos [que estavam] relacionados com eles.

Na Alemanha, entre outras causas, a Filosofia escolástica está muito fixada, pois [talvez] muito mais tarde, nem ainda agora de modo satisfatório, se começou a fazer Filosofia em alemão.

XIII. A língua alemã não só é a mais adequada para aprender filosofia, como também a mais egrégia para expurgar os defeitos da filosofia Escolástica

¹⁴² Acredita-se que o microscópio tenha sido inventado em 1590 por Hans Janssen e seu filho Zacharias, dois holandeses fabricantes de óculos. Tudo indica, porém, que o primeiro a fazer observações microscópicas de materiais biológicos foi o neerlandês Antonie van Leeuwenhoek (1632-1723).

¹⁴³ Leibniz aqui usa *animi sensa* que, literalmente significa: sentidos do espírito. Optamos por traduzir por *ideias*.

Ousaria, porém, argumentar isto: para uma tentativa probatória¹⁴⁴ e para exame dos filosofemas através de uma língua viva não existe na Europa língua mais apta que a alemã porquanto ela é mais completa e perfeita de termos reais¹⁴⁵, para inveja de todas as demais, porque as artes reais e mecânicas desde muitos séculos não foram por nenhuma nação mais diligentemente tratadas, que até mesmo os próprios turcos nas minas da Grécia e da Ásia Menor usam palavras [*vocabulum*] dos alemães para [designar] os metais.

Por outra parte, para exprimir coisas imaginadas, a língua alemã é certamente a mais inapta, na verdade, de longe muito mais incapaz do que o francês, o italiano e as derivadas da língua latina, porque nas línguas filhas do latim, com uma palavra latino-bárbara levemente flexionada, imediatamente se faz uma não bárbara em francês ou italiano. É por isso que muitos termos da filosofia escolástica, de alguma forma, são também traduzidos para o francês; mas, na Alemanha, ninguém tentou algo semelhante até agora, sem se expor ao apuro de todos. No entanto, se alguém tivesse querido manter ou deformar os termos latinos, isto já seria filosofar não em alemão, mas em latim, e não teria tido utilidade alguma nem teria sido compreendido em parte alguma por alguém que desconhecesse a latinidade, porque a língua alemã está distante da língua latina como a terra do céu¹⁴⁶, [o que] não é dessa forma em italiano e francês.

E esta foi a causa por que a Filosofia tivesse tratada em língua vernácula tão tardiamente entre nós, pois a língua alemã não se distanciou só da filosofia, mas também até da filosofia bárbara, visto que o método bárbaro de filosofar foi desprezado, não é de admirar que nossa língua tivesse sido tardiamente [empregada] para filosofar.

¹⁴⁴ Aqui Leibniz usa *huic tentamento probatorio* que poderia ser traduzido também por *para tentar provar*, mas não nos pareceu mais adequado por causa do uso do pronome *huic*, forma dativa do demonstrativo, concordando com o nome *tentamento*. Razão por que optamos por usá-lo nominalmente.

¹⁴⁵ Aqui Leibniz usa *in realibus plenissima est et perfectissima*, literalmente *é a mais cheia e perfeita em coisas reais*. Ver: POMBO, Olga. **Leibniz e o problema de uma língua universal**. Lisboa: J.N.I.C.T., 1997.

Três razões por que o alemão é superior às outras línguas: 1.^a riqueza de termos reais; 2.^a pobreza de expressão de ficções; 3.^a incapacidade de assimilar o latim [bárbaro]. (POMBO, 1997, *cf.* pp. 178-9)

«Da análise deste texto parece-nos poderem retirar-se as seguintes conclusões. Em primeiro lugar, as vantagens do alemão como língua filosófica residem, segundo Leibniz, em determinadas características do vocabulário.» (*Id.* p. 179)

«Em segundo lugar, as características lexicais que, segundo Leibniz, fazem da língua alemã a mais adequada ao trabalho filosófico podem reduzir-se a uma única – a abundância de **termos reais** ou concretos, isto é, de termos que mantêm uma imediata relação com a realidade empírica.» (*Id.* p. 180)

«Tanto na *Dissertatio de stylo philosophico Nizolii* como nos *Nouveaux Essais*, Leibniz salientava a superioridade da língua alemã atribuindo-a, no primeiro caso, à concreção do seu vocabulário, no segundo, à sua antiguidade e naturalidade. Tanto num caso como no outro, é o carácter popular da língua alemã que pode explicar essas vantagens – a língua alemã é para Leibniz uma criação popular.» (*Id.* p. 187)

¹⁴⁶ A construção leibniziana é *toto caelo distat*.

XIV. Sobre as outras línguas para comodamente aprender filosofia

O que se diz do alemão igualmente deve se dizer das filhas do alemão: sueco, dinamarquês, inglês, e belga; exceto o belga e o inglês [que] foram mais audazes em admitir palavras de outras línguas, o contrário do que se deu entre os alemães, apesar de alguns escolásticos ou peregrinozinhos terem feito muito estrépito com simples latinismos, italianismos e galicismos; mas tanto o uso que fazem os grandes homens quanto aquele do vulgo despreza tais coisas.

Sobre a língua eslava aqui nada acrescento, porque não é suficientemente preche de termos reais¹⁴⁷ e vale-se de termos germânicos para a maior parte das máquinas ou coisas importadas.

Ademais, neste lugar não se deve desprezar o que Thomas Hobbes observou com a agudeza de seu engenho, que entre aquelas nações, como algumas das nações orientais, em que é um costume subentender o verbo substantivo, sempre por meio de uma elipse, grande parte da filosofia bárbara não pode ser expressa, ou não completamente, ou de uma forma muito deficitária, ainda que essas nações não sejam menos capazes que as demais para filosofar, e usem, ademais, uma língua culta e rica em termos reais. Deve-se, entretanto, retornar desta digressão para o caminho [traçado anteriormente].

XV. O lugar para os termos técnicos em quais disciplinas

Uma vez que consta que não existe nada que não possa ser explicado em termos populares, consta também que uma linguagem [*oratio*] é tanto mais clara quanto mais populares forem seus termos, a não ser que, talvez, tendo sido multiplicados demasiadamente os nomes, nasça por essa razão em outra cabeça o tédio, o esquecimento e assim a obscuridade. É manifesto que a norma e o valor dos termos empregados deve ser a mais vantajosa popularidade ou a mais popular vantagem.

Portanto, todas as vezes que estejam disponíveis termos populares e também vantajosos, devem-se evitar os termos técnicos. Incontestavelmente, essa é uma das regras fundamentais do estilo filosófico, contra a qual se levantaram, em toda parte, principalmente os metafísicos e os dialéticos; pois as próprias questões da Dialética e a maior parte das da Metafísica amiúde

¹⁴⁷ Sobre *termos reais* veja-se a nota 145.

ocorrem nos discursos, nos escritos e nos pensamentos até das pessoas simples e são manejadas, em todos os lugares, durante toda a vida.

Daqui se deu que o povo, advertido dessa mesma frequência, tenha designado tais coisas com palavras peculiares, mais costumeiras e vantajosas; uma vez que essas palavras estão disponíveis, é um erro confundir as coisas por termos inventados¹⁴⁸, o mais das vezes, novas e também mais incômodas (nada direi sobre a própria ineptidão admitida ao inventá-las com frequência) e, desse modo, tornar-se admirável somente para os ignorantes, e ridículo para os demais.

Similar é o método nas [questões] morais, políticas e jurídicas. Posto que essas coisas sejam expostas de modo semelhante para o intelecto de todos, a partir da introdução de novos termos inventados raramente se pode esperar deles alguma coisa, a não ser trevas; *Raramente*, digo, por isso amito que não há ciência, em que não sejam necessários termos técnicos, então, sem dúvida¹⁴⁹, o povo não compreendeu ou, ademais, desprezou sem ter prestado [a devida] atenção.

No entanto, nas ciências matemáticas, físicas e mecânicas são necessários termos novos ou tomados com um novo significado, pois as coisas de que se ocupam essas disciplinas, na maioria das vezes ou não são imediatamente óbvias aos sentidos, ou não são frequentemente manejadas no uso comum. Essas coisas, com efeito, são produzidas ou [suas] qualidades são quebradas, [e] as partes das coisas em várias divisões, mutações, movimentos, acréscimos, subtrações, deslocamentos, misturas, e aplicação somente através de experimentos, que o vulgo não só fazer a não ser obrigado por uma necessidade, deixando tais coisas para um perito em qualquer ciência. Contudo, mesmo que os termos técnicos sejam um pouco mais breves que os usuais, entretanto, não surge daí um alívio notável do cansaço ou da memória. Assim é evidente que para filosofar é mais útil, igualmente, abster-se de termos técnicos.

XVI. Sobre a filosofia acroamática e exotérica

Há, no entanto, ingente diferença entre os modos de filosofar, um, com efeito, é, por assim dizer, acroamático¹⁵⁰, o outro, exotérico. O modo acroamático é aquele em que tudo é demonstrado, o exotérico é aquele em que afirmações são feitas sem demonstração, mas

¹⁴⁸ A palavra usada por Leibniz aqui designa somente *invenções*, mas não calhava bem no sentido geral do texto. Por essa razão optamos por vertê-la aqui e alhures por *termos inventados*.

¹⁴⁹ O uso de *nimirum* aqui denota uma clara ironia!

¹⁵⁰ Acroamático é sinônimo de **esotérico**, em oposição a **exotérico**.

confirmadas por algumas coisas congruentes com elas e pelas razões tópicas¹⁵¹ ou também demonstrativas, mas não propostas a não ser topicamente; são ilustradas por exemplos e analogias¹⁵²; e tal gênero de expressar é dogmático, na verdade, ou filosófico, não é, entretanto, acroamático, isto é, nem muito rigoroso nem muito exato.

Ademais, esta diferença também se observa entre os matemáticos. Distinguem, com efeito, escólios das demonstrações, as demonstrações são tratadas de maneira muito rigorosa e acroamática, e os escólios de maneira mais familiar e exotérica, que é patente a partir só de Proclo no **Euclides**, que nos escólios faz alguma coisa histórica e questões ilustrativas históricas e não duvida de difundi-los. Semelhante a essa distinção é a distinção entre sugestões e comentários que vejo ter agradado com utilidade a Bartolomeu Keckermann¹⁵³ e a Johann Heinrich Alsted¹⁵⁴, e que Gerhard Johannes Voss¹⁵⁵, homem de grande saber nas suas divisões das artes liberais e populares, também abraçou. A prática [*usus*] daquela distinção é que seja lícito intercalar algumas coisas dignas de ser sabidas ou também que possam ser úteis, sem a interrupção da sequência de definições, divisões e demonstrações.

Consequentemente, o que se disse sobre o estilo filosófico deve ser dito sobre a parte acroamática.

Na [parte] exotérica, que não seja lícito usar muitas palavras a fim de que, se alguma coisa se afaste da certeza, se afaste, entretanto, pouco ou nada da clareza. A parte acroamática consta, como eu disse, de definições, divisões e demonstrações; conquanto se possa prescindir das divisões tal como Euclides se privou delas; todavia, são empregadas com utilidade, pelo menos para definições que, ordenadamente, devam estar conectadas entre si; com efeito, as proposições devem estar ligadas não através de divisões mas através de demonstrações¹⁵⁶.

¹⁵¹ Tópicas se referem aqui aos *tópoi* da retórica dos quais Aristóteles se ocupou em seus Tópicos e no livro II de sua Retórica. Os *tópoi* são o cerne mesmo da argumentação dialética, partindo de premissas prováveis e chegando a uma conclusão também provável, verossímil, razoável. As tradições retórica e dialética não definiram uniformemente o conceito de *tópos*, que poderia ser seja uma estratégia argumentativa padronizada, seja uma crença aceita pela maioria das pessoas de alguma comunidade.

¹⁵² O termo empregado por Leibniz aqui foi *similitudo*, que em terminologia retórica equivale a *analogia*.

¹⁵³ Bartolomeu Keckermann (*Bartholomaeus Keckermannus*, 1572-1609) foi um escritor alemão, teólogo protestante, filósofo, jurista e hebraísta. Famoso por seu *Método analítico* e por seus escritos sobre retórica.

¹⁵⁴ Johann Heinrich Alsted (*Johannes Henricus Alstedius*, 1588-1638), “o verdadeiro pai de todas as Enciclopédias”, foi um ministro e acadêmico calvinista saxão da Transilvânia, nascido na Alemanha, conhecido por seus interesses variados: no ramismo e no lulismo, pedagogia e enciclopédias, teologia e milenarismo. Seus contemporâneos notaram que um anagrama de Alstedius era *sedulitas*, que significa “trabalho duro” em latim.

¹⁵⁵ Gerhard Johannes Voss (Johannes Vossius, 1577-1649), conhecido também como **Vóssio** e com a forma latina de *Vossius*, foi um teólogo, filólogo e historiador holandês.

¹⁵⁶ O humanista Pedro de la Ramé (*Petrus Ramus*) empregava o método da divisão conceitual, nas obras em que tratou de Dialética e Lógica. É a essa prática que Leibniz está aqui criticando.

Portanto, qualquer um que se empenhe em, com cuidado, definir ou dividir e em demonstrar ou tornar certa uma proposição deve proceder com muito rigor e não deve usar ao demonstrar, não por argumento [*res*], nem palavras [*vox*], que não tenha sido definida, nem proposição, que não tenha sido demonstrada, ou [que seja tida por] certa em decorrência de uma razão imediata. Sobre as mais coisas que seja lícito, talvez, incluir, às vezes, alusões agudas, semelhanças, metáforas, exemplos, argúcias, histórias, e distrair o espírito do leitor cansado com inserção de amenidades, de tal modo, todavia, que, também nesse caso, se evite toda obscuridade e toda abundância de metáforas¹⁵⁷.

XVII. Só se deve usar cuidadosamente no filosofar de coisas concretas, não abstratas

Isto, também, pareceu, neste lugar, digno de ser evocado à lembrança, porque ao contrário daqueles que pensam com o povo, para o ato de filosofar com precisão, devem ser usados somente [termos] concretos; e vejo que o próprio Aristóteles, quase sempre, fizera assim também; ποσόν, ποιόν, τὰ πρὸς τι pertencem mais à língua oral que ποσότης, ποιότης, σχέσις¹⁵⁸ ou se fosse permitido dizer desse modo προς-τινότης. Isso os que seguem o povo escusam, como se fosse fato mais grosseiro¹⁵⁹, e sonham, se prazer aos deuses, que são muito perspicazes, quando completam tudo com [termos] abstratos. Mesmo que, contrariamente, se descobrira como certo que esse desejo de inventar palavras [*vocabulum*] abstratas, das quais, todavia, se pode prescindir absolutamente ao filosofar, quase nos obscureceu toda a filosofia. Pois, na verdade, as coisas concretas são reais, as abstratas não são reais, mas modos da realidade¹⁶⁰; entretanto, os modos não são nada mais que relações da coisa com o intelecto ou com as faculdades de representação. E sem dúvida existe uma replicação ao infinito dos modos, tanto qualidades de qualidades, como números de números, os quais se todos fossem reais¹⁶¹, não apenas surgiria uma infinidade de objetos, mas também uma contradição. Pois se a entidade é

¹⁵⁷ A palavra usada por Leibniz aqui é *translatio*, que, em Retórica, tem valor de metáfora. Por expansão do sentido, contudo, ser-nos-ia lícito também pensar a qualquer abundância no uso das figuras de retórica.

¹⁵⁸ Para exemplificar o que está pretendendo, Leibniz apresenta uma pequena lista em que os três primeiros termos são concretos e primitivos, ao passo que os outros três são abstratos e deles derivados.

¹⁵⁹ Aqui a construção do texto leibniziano não é muito clara, contrariamente ao que defende, pois que poderemos fazer duas interpretações do texto latino: *id vulgo secatores excusant* – a primeira é a que acima traduzimos; a segunda exige mais torneiros, pois poderia, talvez, ser assim vertida: isso os discípulos [de Aristóteles] escusam no confronto do povo.

¹⁶⁰ *Concerta vere res sunt, abstracta non sunt res, sed rerum modi* – outra possibilidade de tradução: as coisas concretas são coisas, as abstratas não são coisas, mas modos das coisas.

¹⁶¹ Ou coisas

um ente, se a realidade é real, se a “aliquidade”¹⁶² é algo, então a forma de si próprio ou a parte do conceito de si será o mesmo, o que implica contradição.

Se, pois, alguém alguma vez organizar perfeitamente os Elementos da Filosofia, será necessário que quase se abstenha, de maneira radical, de todos os [termos] abstratos. Lembro mesmo que, sem dúvida, o muito perspicaz Hobbes atribuiu alguma utilidade aos [termos] abstratos com este potentíssimo argumento: que, por exemplo, uma coisa é duplicar coisas quentes, outra é duplicar o calor. Na verdade, essa mesma duplicação do calor pode ser expressa em termos concretos, pois se eu disser que a mesma coisa se fez duas vezes mais quente, já se entende que não as coisas quentes foram duplicadas, mas o calor.

Em consequência, para dizer a verdade, vivamente, nunca descobri algum uso para os termos abstratos numa forma rigorosa de filosofar, mas muitos e grandes abusos, e também muito perniciosos.

Mas na maneira exotérica de expressar-se, creio que os termos abstratos usados de forma oportuna, não prescindem de seu uso, pois tornam, primeiramente, mais agudas as frases e como que fixam a atenção do leitor e o advertem sobre outros pensamentos presentes que devem ser abandonados a modo de noções secundárias, com as quais tenho muitas e sérias razões para equiparar aos [termos] abstratos. Pois em geral a minha opinião é substituir os [termos] abstratos pelos concretos e no lugar desta proposição: o homem é racional, substituí-la por o homem tem racionalidade, ou aquele que tem a humanidade tem [também] a racionalidade, ou: a racionalidade está contida na humanidade, não é apenas metafórico, mas é também supérfluo; e do mesmo modo seria como se alguém dissesse no lugar dessa mesma proposição o seguinte: é certo, é verdadeiro, não se pode duvidar; quem quer que esteja atento entenderá, perceberá; a ideia de homem impressa, pelos sentidos, em minha mente confirma que o homem é racional; as quais são capazes de ilustrar e inculcar algo para transformar os gêneros da realidade que nada acrescentam a não ser relação da coisa com a mente, para filosofar, para definir, dividir e demonstrar com exatidão.

XVIII. Sobre o uso dos tropos (figuras de linguagem) no estilo filosófico

¹⁶² Foi desde o início nossa opção não criar termos para traduzir os neologismos latinos usados na filosofia seja medieval que de Leibniz, por isso, em harmonia com o que fizemos no item IX com *heceidade*, *hocidade*, *hocimônia*, *quedeidade*, assim transpusemos *aliquiditas* em *aliquidade*, que é a substantivação de *aliquid*, algo, talvez um neologismo seria *alguidade*.

Até aqui mostrou-se que se deve abster dos termos técnicos, à medida que se possa fazer; agora deve-se atentar a isto: quer usemos termos populares, quer técnicos, os tropos, todavia, devem ser ou nulos ou poucos e úteis. O que foi pouco observado pelos escolásticos; quem, pois, se admiraria de que seu discurso fosse cheio de tropos? Com efeito, que outra coisa além de tropos são os verbos *dependere*, *inerire*, *emanare*, *influir*? Suarez¹⁶³ se jacta admiravelmente da invenção dessa última palavra [*vocabulum*]. Como, com efeito, os escolásticos antes dele tivessem se esforçado há muito tempo em encontrar uma noção geral de causa, e [como] não tivessem achado as palavras [*verbum*] adequadas, Suárez, na verdade, não foi mais engenhoso do que eles, mas foi mais audacioso, e astutamente definiu, muito bárbara e obscuramente, a causa tendo usado a palavra [*vocabulum*] *influência* [*influxus*]: o que influi o ser em outra coisa; porquanto é uma construção inapropriada, pela qual o verbo *influir* de indiferente se faz ativo¹⁶⁴; e ainda *influir algo* é metafórico e mais obscuro do que o próprio definido: eu teria, com efeito, esperado compreender mais facilmente nesta palavra [*vox*] *influência*, tão extravagantemente adotada, o problema da causa.

Algo, finalmente, deve ser observado, que já em muitas referências temos advertido que se deve apoiar na origem da palavra [*vox*], sobretudo quando esteja certa, no que puder.

Sem dúvida é verdade que toda a significação originária da palavra [*vox*] é própria, porquanto não vejo de que maneira se possa dizer [próprio] o que passou [*translatus*] de outro através de um tropo; mas, todavia, reconheço, contudo, que alguma significação seja própria, que não seja originária, o que também corretamente observou Brunsmann¹⁶⁵ nas coisas que recentemente comentou a respeito da significação própria e metafórica¹⁶⁶ numa obra peculiar. Acrescento algo a estes pensamentos: toda significação não originária em algum momento foi metafórica (*translata*), há bastante tempo, quando a palavra [*vox*] foi promovida a partir da primeira significação a outras significações com ajuda dos tropos; e, enfim, fez-se própria quando pela primeira vez se fez vulgar, de igual modo tornou-se conhecida como a primitiva,

¹⁶³ Francisco Suarez (1548-1617) foi um padre jesuíta, teólogo, filósofo e jurista espanhol e um dos principais expoentes da Escola de Salamanca, sendo considerado também um dos maiores escolásticos depois de S.to Tomás de Aquino. Seu trabalho influenciou a Segunda Escolástica, período que marca a transição do Renascimento para o Modernismo.

¹⁶⁴ A frase *qua influere ex neutro fit activum* é muito obscura. Há quem sugira ser assim vertida: pela qual *influir* de intransitivo se faz transitivo; no entanto, não nos parece ter lastro essa versão, pois nada no uso de *neuter* indica nem sequer sugere o valor de intransitividade verbal.

¹⁶⁵ Johann Brunsmann (*Brunsmannus*, 1608-1672), jurista, professor de Lógica e Direito em Frankfurt.

¹⁶⁶ No texto latino, Leibniz usa *translatus*, que é o equivalente latino da palavra grega “*metaphorikós*”; Leibniz usa ora um, ora outro.

ou ainda mais conhecida do que a nativa; e os homens agora usam a palavra [vox] per si, não como derivada por causa das flexões da nativa, de que, frequentemente, já não nos lembramos mais. Ademais, se alguém se propusesse com mente decidida na filosofia a usar sempre palavras [vox] cuja origem seja certa, desde que busque a origem, seu costume não teria sido nem repreensível, nem desprezível, ainda que considero ser difícil que isso possa se dar de uma maneira constante. Assim, acredito, fica dito bastante acerca da clareza da palavra [vocabulary] per si.

XIX. Sobre a clareza da linguagem/discurso [oratio], que se extrai das circunstâncias

A clareza, no entanto, que é extraída das circunstâncias provém ou da linguagem mesma ou de fora [dela]. Será clareza se for extraída da própria linguagem, se não da palavra [vocabulary] per si, mas sim da linguagem per si. Isto acontece quando o argumento [materia] tratado fica claro pela linguagem mesma, e o argumento tolhe a ambiguidade.

Se alguém está falando da Ursa, da Carruagem, do Cão, da Lira¹⁶⁷, de que o resto do discurso [oratio] se refere à astronomia facilmente desaparece a ambiguidade. Da mesma forma, se se antepõe a definição da palavra [vocabulary], por isso desaparece a obscuridade. Mas se for necessário caçar a significação somente por meio de muitas conjecturas, ainda que estas sejam extraídas do próprio discurso, muito longe de obter elogios por causa da clareza. Na verdade, se o sentido só chega aos ouvintes ou leitores pelas circunstâncias externas, o discurso [oratio] pode ser considerado obscuro per si.

Todavia, talvez convenha que seja obscuro o discurso [oratio] de algum profeta, ou o de algum alquimista, que alardeia seus milagres, ou o do oráculo de Delfos, ou o do teólogo místico, ou o do poeta enigmático, mas nada é mais estranho a um filósofo do que isso.

XX. Os egípcios e os chineses mais recentes ocultam sua filosofia em enigmas

Na verdade, não ignoro que os antigos filósofos egípcios, e os chineses hodiernos, que parecem ser uma colônia dos egípcios, e os orientais em geral, e os que os seguiram dos gregos, como Pitágoras, e também dos latinos e ainda dos árabes, químicos, tenham ocultado as suas coisas¹⁶⁸ com enigmas. Este procedimento não pode ser desprezado em qualquer circunstância,

¹⁶⁷ Constelações astronômicas que equivalem respectivamente às atuais: Ursa Menor, Ursa Maior, Cão e Lira.

¹⁶⁸ Aqui e mais abaixo, Leibniz usa somente o pronome latino *sua*, no neutro plural, indicando *suas coisas*, mas que poderia ser traduzido por *suas doutrinas* ou *suas ideias*. Optamos, no entanto, por usar *suas coisas* para não introduzir palavras que não foram textualmente usadas pelo filósofo, mas cremos que esta nota servirá de auxílio.

nem, com efeito, se deve expor tudo a todos; e que, depois, uns filósofos permitiram que se tornassem públicos ao vulgo os mistérios das artes, primeiramente os da Medicina e Matemática, atuaram contrariamente à prudência civil; poderiam, com efeito, tê-los usado como instrumentos para libertar as pátrias da tirania, implantar aristocracias¹⁶⁹. Nenhum homem sensato teria acusado tampouco de obscuridade a Lázaro Rivière¹⁷⁰ ou ao capuchinho¹⁷¹ Antônio Maria Schyrleus de Rheita¹⁷² por terem envolvido com uma nuvem de enigmas seus achados; aquele descobriu uma determinada composição médica, este inventou um sistema de tubos ópticos, sempre mais capazes de serem aperfeiçoados.

Ao filosofar, entretanto, com rigor, isto é, ao definir, dividir e demonstrar, devem-se dissipar todas aquelas névoas. Era lícito aos filósofos ocultar suas coisas¹⁷³ com uma língua peculiar, como se diz que faziam os sacerdotes egípcios e os etruscos ou, por meio de sua escrita, como fazem agora os chineses; contanto que nessa mesma língua e nessa mesma escritura, eles, pelo menos entre si, clara e agudamente tivessem filosofado, não aparecesse aos que entram agora em seu santuário [senão] uma vastidão priva de coisas úteis e uma solidão miserável, e o que a respeito do templo de Jerusalém disse Tácito: mistérios vazios¹⁷⁴. O que se descobre ser verdade, sempre mais, sobre a filosofia oriental.

Assim fica explicada uma das qualidades do discurso [*oratio*] filosófico: a clareza. A elegância deixemos para outra oportunidade. Entretanto, leia-se a obra de Querenghi¹⁷⁵ sobre A Eloquência do Filósofo.

¹⁶⁹ O termo *aristocracia* significa literalmente: o governo dos melhores. É neste sentido que o usa Leibniz aqui, como eco ao governo da República, sonhada por Platão.

¹⁷⁰ Lázaro Rivière (1589-1655) foi um médico francês que fez contribuições importantes para a medicina moderna. Durante sua carreira, ele se especializou em farmacologia, anatomia e cirurgia e foi o primeiro médico a descrever a inflamação da válvula aórtica. Ele foi um dos principais professores da Universidade de Montpellier e serviu como médico para Luís XIII.

¹⁷¹ Foi membro da Ordem dos Frades Menores Capuchinhos em Rheita, na Boêmia, até ao estouro da Guerra dos Trinta Anos, em 1618, quando parece que tenha abandonado a Ordem.

¹⁷² Antônio Maria Schyrleus (também Schyrl, Schyrl) de Rheita (1604-1660) (em tcheco: *Antonín Maria Šírek z Reity*) foi um astrônomo e oculista, que desenvolveu várias oculares de inversão e ereção e foi o criador do telescópio Kepler. «As coisas parecem mais vivas com o telescópio binocular», escreveu ele, «duplamente mais exatas, por assim dizer, bem como grandes e brilhantes.» Seu telescópio binocular é o precursor de nossos binóculos.

¹⁷³ Vide nota 168.

¹⁷⁴ Tácito, *História*, V,9: «*Romanorum primus Cn. Pompeius Iudaeos domuit templumque iure victoriae ingressus est: inde vulgatum nulla intus deum effigie vacuam sedem et inania arcana* – O primeiro romano a submeter os judeus foi Cneu Pompeu e o primeiro a entrar, por direito de vitória, no templo: do qual divulgou que não havia nenhuma imagem dos deuses e **mistérios vazios.**»

¹⁷⁵ Antônio Querenghi ou Querengi (1546-1633), poeta italiano e latino, fez-se muito hábil nas ciências e foi secretário de alguns cardeais e do sacro colégio durante o governo de cinco papas sucessivos. Clemente VIII lhe conferiu o título de cônego em Pádua, onde vivia dedicando-se à literatura; mas tornou a chamá-lo a Roma o papa Paulo V, que o tornou camareiro secreto. Exerceu as mesmas incumbências nos pontificados de Gregório XV e de

XXI. Sobre a utilidade da clareza [*perspicuitas*] do estilo filosófico

Só resta a verdade, mas trazer preceitos sobre o método para obtê-la e confirmá-la e o artifício completo para descobri-la e julgar acerca dela toca ao lógico, que será aliviado admiravelmente, do pesado ônus, necessário por outra parte, de pesquisar e discutir escrupulosamente sobre todas as coisas clareza da palavra [*verbum*].

Porquanto, se não fosse empregada nenhuma palavra [*vox*] que não fosse de significação clara, certa e definida ficaria necessariamente afastado todo equívoco e, conseguindo isso, dissipar-se-ia, de uma só vez, o ingente exército dos sofismas; quase não sobejaria nada para julgar com solidez, do que os sentidos, através de um sensorio e meio constituídos com retidão, [e] o intelecto, desde que observe as regras da dedução¹⁷⁶, serem preservados dos erros.

Visto que as coisas são assim, pouco me falta para crer que, como as partes da Retórica são duas, uma que trata da construção das palavras com elegância, ornato e eficácia, e outra que trata de mover afetos; igualmente, duas são as partes da Lógica: uma verbal, a outra real¹⁷⁷; a primeira trata do uso claro, distinto e próprio das palavras, ou seja, do estilo filosófico, a segunda trata da direção dos pensamentos. Assim, pela Gramática ensina a falar com pureza e de acordo com o uso das nações; a Retórica, a mover de modo apto os afetos; e a Lógica, a falar de modo apto a mover a mente. Por isso, não são aceites aqueles que separam a Oratória da Retórica, prescrevendo que a Oratória dê as regras para mover os afetos e a Retórica [as regras para a] elegância da dicção, como fazem alguns ramistas ou semiramistas, homens ademais, doutíssimos, como Keckermann, Alsted, Conrad Dieterich, Kaspar Barth; da mesma forma, digo, eles não são aceites, visto que está tão implicado, com palavras [*verbum*], o ato todo de pensar e de querer, que dificilmente pode acontecer em nosso interior senão pelo uso tácito das palavras [*verbum*], já que as palavras [*verbum*] são o instrumento mais próximo do pensamento; e quase o único instrumento que temos para demonstrar nossos pensamentos; e, finalmente, porque nas mesmas regras estão, simultaneamente, o regimento para mover os afetos, dirigir os pensamentos e os preceitos com que facilmente se consegue colocar as palavras [*verbum*] de

Urbano VIII, e morreu em Pádua em 1633 aos 87 anos. Henrique IV da França lhe havia chamado a sua corte, e o duque de Parma lhe havia feito também ofertas muito consideráveis a fim de que escrevesse la história de seu pai, Alexandre de Farnésio.

¹⁷⁶ Aqui Leibniz usa a palavra *consequentiarum* – das conseqüências ou das consequentes.

¹⁷⁷ Própria das *res*, das coisas ou dos argumentos da invenção.

acordo com isso; desse modo, não acho que se deva desprezar quem defende que pertence às partes da Lógica tratar dos preceitos do pensar e do gênero do falar como apto a ensinar.

Por isso nem erra Nizólio, quando insiste, em várias passagens, no método [*ratio*] exato do falar ao tratar da Lógica, nem talvez muito menos erremos nós, que prefaciamos o [texto de] Nizólio com tanta efusão¹⁷⁸, mas tão necessário em todas as partes da Enciclopédia. Primeiramente, publicamos o livro de Nizólio especialmente para contribuirmos com algo, mesmo que com trabalho alheia, para a instauração de uma filosofia mais sólida, que, com o apoio de homens de insigne engenho, lindamente está agora progredindo em todas as partes. Com efeito, esperamos que a leitura destes comentários *nizolianos* possa redundar em fruto não medíocre para a filosofia e, também, que os homens se habituem cada vez mais a um gênero de discursar sóbrio, próprio e natural [*nativus*] e verdadeiramente filosófico e, sobretudo, porque não me seja conhecido nenhum escritor que se tenha incumbido deste tema com tanto zelo, diligência e também, se se lê atentamente, com eficácia, para que para sejam desarraigados do território [*ager*] da filosofia todos os espinheiros de palavras [*verbum*].

Parece-me que isso está sendo conseguido suficientemente no campo da Lógica, vestíbulo da Filosofia, enquanto haja, o que não perdemos a esperança de que acontecerá, na presente abundância de tantos egrégios engenhos que florescem por todas as partes, aqueles que prossigam com o trabalho uma vez iniciado, que confiamos que purgarão, com o mesmo método [*ratio*], as demais partes da filosofia: a metafísica, a física geral, a filosofia civil e a verdadeira jurisprudência do complexo de termos; quanto a nós, prometeríamos algo¹⁷⁹ se, por uma parte, não estivéssemos ocupados com outros estudos, e por outra, não temêssemos rapinar a matéria de outros, que se desempenharão com maior aptidão.

XXII. Os sistemas dos antigos filósofos não devem ser desprezados, mas corrigidos

De resto, não me envergonho de defender o que antes disse, que Nizólio, neste gênero, se elevou acima dos outros, já que os ilustres instauradores hodiernos da filosofia mais se ocuparam, preclaramente, a constituir e ornar suas descobertas e pensamentos, do que a polir e purgar a antiga doutrina de Aristóteles recebida e transmitida pelos escolásticos. Não concerne,

¹⁷⁸ Talvez Leibniz se queira referir à extensão do prefácio, que é todo o texto da *Dissertatio de stylo philosophico Nizolii*.

¹⁷⁹ Pelo contexto, infere-se isto: *prometeríamos colaborar com alguma coisa*.

todavia, à filosofia rejeitar totalmente as coisas antigas¹⁸⁰, nas corrigi-la e conservar as coisas excelentes, que certamente são inúmeras, e, sobretudo, o que está contido nos próprios textos de Aristóteles.

XXIII. Sobre os que disputaram contra a filosofia escolástica

Confesso, pois, que muitos dos filósofos vulgar aconselharam, determinaram e proclamaram que a dicção bárbara devesse ser abolida, poucos, porém, começaram essa mesma coisa, como fez Nizólio, porque, naturalmente, é mais fácil criticar do que corrigir.

Com efeito, quando a literatura¹⁸¹ começou a ser restaurada, os eruditos troaram contra os filósofos escolásticos. Por sua vez, os escolásticos chamavam a si mesmos de realistas e desprezavam aqueles pelo conhecimento intrínseco [que tinham] das coisas com o título de poetas e gramáticos. Recordo ter visto em certa ocasião um escrito de certo teólogo dentre aquela grei [seita?] com este título: Apologia de João Seico pois a Teologia não se funda na Poesia, como se alguém sonhasse com isto.

Mas, no entanto, enquanto esses fulminam, os eruditos ocupam, paulatinamente, as aulas magnas. Só o favor real defendeu Lourenzo Valla da condenação de heresia. E nada direi sobre a inclinação de Leão X e de Francisco I, rei da França, pelos literatos, que muito pôde para aniquilar a barbárie. Já antes de Valla, o florentino Dante Alighieri¹⁸², por primeiro fez reaparecer, como evocadas dos infernos, a melhor literatura. Seu discípulo Francesco Petrarca¹⁸³ foi o primeiro que experimentou a elegância¹⁸⁴ na filosofia civil mais apropriada. Teve como reforços¹⁸⁵ Francesco Filelfo¹⁸⁶, Poggio Florentino, Leonardo Aretino e outros. Homem de máximo engenho, como Valla, foi o primeiro que se atreveu a calcar as sutilezas

¹⁸⁰ No termo *vetera*, poderíamos fazer o mesmo que fizemos com o pronome *sua* (vide nota 168), acrescentando ao adjetivo o substantivo *doutrina* ou *ideia*.

¹⁸¹ Certamente, aqui se refere à literatura filosófica.

¹⁸² Dante Alighieri (*Durante di Alighiero degli Alighieri*) conhecido também só com o nome Dante, da família Alighieri (1265-1321), foi um poeta, escritor e político italiano. Il nome “Dante”, conforme testemunho de Jacopo Alighieri, é um hipocorístico, isto é, uma mudança fonética, de *Durante*. É considerado o pai da língua italiana; sua fama se deve à paternidade da *Comedia*, tornada célebre como *Divina Commedia* e universalmente considerada a maior obra escrita em italiano e um das maiores obras primas da literatura mundial.

¹⁸³ Francesco Petrarca (1304-1374) foi um escritor, poeta, filósofo e filólogo italiano, considerado o precursor do Humanismo e um dos fundadores da literatura italiana, sobretudo graças a sua obra mais célebre, o *Canzoniere* [Cancioneiro], patrocinado como modelo de excelência estilística por Pietro Bembo no início dos *Cinquecento*.

¹⁸⁴ Certamente se refere à linguagem elegante.

¹⁸⁵ Leibniz usa o verbo *d* de difícil tradução neste contexto, *succenturiare* que significa: Ajuntar para completar uma centúria; ter de reserva, conservar como reforço.

¹⁸⁶ Francesco Filelfo da Tolentino (1398-1481) foi um humanista, filólogo, erudito, pedagogo poeta, tradutor de grego e escritor italiano.

dos escolásticos e escreveu uma dialética digna de seu engenho. Ousou ainda desafiar os juristas com seu libelo sobre As Insígnias e as Armas, contra Bartolo, e também aos teólogos com outro libelo sobre O Livre-arbítrio, contra Boécio.

Mas então vieram da Grécia, em socorro da filosofia e juntamente da eloquência mais estremada, Teodoro Gaza¹⁸⁷, Jorge de Trebizonda¹⁸⁸, Emanuel Chrisoloras¹⁸⁹ e Bessarion¹⁹⁰, [que depois tornou-se] cardeal. Ainda que Gaza e Trebizonda, que ressuscitaram Aristóteles [em] grego¹⁹¹, disputassem entre si e o platônico Bessarion se colocasse contra os dois, todos, entretanto, marcharam contra os bárbaros com igual ímpeto. Instruídos pelos anteriores, Giovanni Pico della Mirandola, foi a fênix de sua época, inimigo dos astrólogos; Hermolau Bárbaro¹⁹², intérprete das ἐντελέχειας¹⁹³; Nicolau Leoniceno¹⁹⁴ Patavino, citado também por nosso Nizólio no Livro 4, Cap. 8, por cuja obra, como disse Erasmo, começou a se falar de novo de Medicina, e Marsílio Ficino, herdeiro de Bessarion no afeto para com Platão, todos eles continuaram com mais ímpeto e com novas armas a luta herdada pela verdadeira eloquência dos sábios contra os corruptores de ambas. Finalmente, Ângelo Poliziano, Giovanni Francesco Pico della Mirandola, Rodolfo Agrícola, Johannes Reuchlin, o cardeal Adriano, Erasmo de Rotterdam, Paolo Cortese, Juan Luís Vives, Philipp Melanchton, Joachim Camerário e outros muitos similares romperam as fileiras inimigas e lhes infligiram uma mui grande ruína. São

¹⁸⁷ Teodoro Gaza (1398-1475) (em grego: Θεόδωρος Γάζης; em latim: *Theodorus Gazae*) foi um humanista grego, um tradutor de Aristóteles e um dos acadêmicos gregos que foram líderes do renascimento do conhecimento no século XV na chamada Renascença Paleóloga.

¹⁸⁸ Jorge de Trebizonda em latim *Trapezuntius* (1395-1472/1473) foi um filósofo e humanista bizantino. Teve um importante papel na difusão da língua grega na Itália e na tradução direta dos clássicos gregos. Em filosofia, contribuiu de maneira incisiva, ainda que não muito ortodoxa, no debate entre platonismo e aristotelismo.

¹⁸⁹ Emanuel (ou Manuel) Chrisoloras (1355-1415) foi um erudito bizantino, pioneiro na reintrodução do estudo da língua e literatura gregas na Europa ocidental durante o Renascimento.

¹⁹⁰ Basílio Bessarion, da Ordem de S. Basílio Magno (*Johannes Bessarion*, em grego: Βασίλειος Βησσαρίων; 1403-1472) foi um clérigo e erudito bizantino, arcebispo de Niceia, Patriarca latino de Constantinopla e cardeal da Igreja Católica Romana. Participou nos concílios de Ferrara e Florência defendendo a União das Igrejas católica ortodoxa e católica romana.

¹⁹¹ Certamente aqui Leibniz se refere ao texto grego de Aristóteles e não à nacionalidade dele.

¹⁹² Hermolau Bárbaro, o jovem, (1454-1493) foi um humanista, patriarca católico e diplomata italiano, a serviço da República de Veneza. Provavelmente Leibniz se refira a esse pois ele escreveu um livro intitulado *Compendium scientiae naturalis ex Aristotele*, em 1545. Outros com o mesmo nome: Hermolau Bárbaro, o velho (1410-1471), bispo de Verona e humanista; Hermolau Bárbaro (1493-1556), político; e Hermolau II Bárbaro (1548-1622), patriarca de Aquileia (a partir de 1616).

¹⁹³ O termo *enteléquia* (ἐντελέχεια) foi cunhado por Aristóteles para designar sua particular concepção filosófica de uma realidade que tenha inscrita em si mesma a meta final para onde tende a evoluir.

¹⁹⁴ Nicolau de Lonigo, ou Leoniceno, em latim *Nicolaus Leonicensis* (1428-1524) foi um médico, botânico e humanista italiano. Diretor da medicina humanística que superou a impoção medieval, escreveu importantes tratados sobre doenças venéreas, particularmente sobre a sífilis. Sua experiência de estudioso abarcava também as ciências naturais, corrigindo por primeiro, mas não sem polêmicas, a *Naturalis historia* de Plínio.

tantos os filósofos eloquentíssimos que foram seguidores dos anteriores, que não poderiam caber nestas breves folhas.

Ademais, são muitos se opuseram ao gênero bárbaro de falar com escritos extraordinários. Ainda existem as epístolas trocadas entre Giovanni Pico della Mirandola e Hermolau Bárbaro, dentre eles este arremete acerbamente contra os escolásticos; aquele, motivado provavelmente pela piedade, esforça-se amenizar-lhes os e encobrir-lhes os vícios mais do que defendê-los. Philipp Melanchton tinha tanta estima por estas epístolas que, após organizá-las, procurou publicá-las na Alemanha. Podemos acrescentar *A Eloquência do Filósofo* de Querenghi, publicada por Francesco Florido Sabino em favor da língua latina e dos que escrevem [em latim]. Além disso, a obra de Uberto Foglietta sobre *O uso e superioridade da Língua Latina*; *A Língua Latina*, de Germoni, Conrado, Taubmann e Barth; a *Correção ciceroniana*¹⁹⁵ de Suys; as *Questões Tulianas*, de Andreas Schott; a *Ação contra os corruptores da eloquência*, de Alberto Alberti; *A sagrada latinidade*, de Melchior Inchofer; *Apologético contra Martinho Dorpius*, de Erasmo; *A respeito do Estilo*, de Joachim Vagt; *Sobre a necessidade da correção da Teologia Escolástica* de Cristóvão de Cheffontaines¹⁹⁶; *A Restauração da Teologia*, em um livro de Luís de Carvajal Bético¹⁹⁷, no qual, como insere o próprio autor no título, o leitor deverá ver a Teologia expurgada da sofística e da barbárie com grande habilidade. [Ainda] a *Diatrise dos bárbaros contra Barbarino* de Errijck De Put; *Sobre a barbárie dos tempos antigos* de Christian Becmann e Isaac Clauder; uma obra de Frischlin na qual fustiga a Prisciano; a obra de Johannes Conrado Dieterich, *Sobre a infelicidade dos séculos passados pelo desconhecimento da literatura grega*; o *Antibarbarus* de Sixtin Amama e Pierre Du Moulin; *Os vícios dos discursos e as glosas latino-bárbaras* de Gerhard Johannes Voss; *Sobre o nascimento e queda da Língua Latina e o método para restabelecê-la*, de Johannes Niess; a obra de Pedro Valle Clausa *Sobre a imunidade dos Ciríacos*. Estes [autores] todos dedicam-se a investir contra a dicção pseudofilosófica. A estes se podem acrescentar os que filosofaram a partir de Cícero, de Quintiliano e de Boécio, como são Frey, Buscher, Jason Denores e Ramée, os ramistas ou felipe-ramistas, quase todos; assim também o cardeal Adriano

¹⁹⁵ Aqui poderíamos ter traduzido por *Lima ciceroniana*, a palavra latina *lima* gerou uma igual em português, e geralmente em latim era usada no sentido figurado indicando *aperfeiçoamento, correção, revisão*.

¹⁹⁶ Cristóvão de Cheffontaines (*Chistophorus a Capite Fontium* 1512-1595) foi um teólogo franciscano, nasceu na nobre família bretã Penfentenyou, juntou-se aos frades franciscanos em 1532. Provavelmente seja a esse a quem Leibniz se refira.

¹⁹⁷ Luís de Carvajal (1500-1550) foi um teólogo franciscano espanhol.

com seus quatro livros sobre *A Verdadeira Filosofia a partir dos quatro doutores da Igreja: Ambrósio, Jerônimo, Agostinho e Gregório Magno*.

Ademais, Melchor Cano, em alguns lugares de sua obra, e Paolo Cortese, nos *Livros das sentenças* (recentemente Petavio em sua obra dos dogmas teológicos), começaram a ilustrar a teologia escolástica com a elegância da dicção. O mesmo fizeram com a Dialética: Valla, Rodolfo Agrícola, Poliziano, Melanchton, Cesáreo, Huens, Kornelis Wouters, Périon, Célio Segundo Cúrio, Johannes Sturm e Hotman; o mesmo fizeram com a Metafísica: Vives, Nifo, Javello (louvado inclusive por nosso Nizólio no livro 2, cap. 10), Fonseca, Bruno e Monllor; com a Física, [fizeram igualmente] Hermolau Bárbaro, Kornelis Wouters, Francisco Vicomercato, Jerônimo Fracastoro, Jerônimo Cardano, Júlio César Scaligero, Cipião Capece, Titelmans e, faz pouco tempo, Gassendi. Ainda não encontrei, entretanto, quem tenha suprimido nas outras partes da filosofia os termos admitidos nas escolas tão vivamente como o fez o nosso Nizólio na lógica. Destarte, quanto mais desconhecido foi Nizólio até hoje, mais digno o reputei de ser proposto como exemplo da dicção filosófica reformada.

XXIV. Sobre as descobertas novas e antigas¹⁹⁸

Outra razão para a edição da obra foi tempo do autor. Com efeito, acrescenta-se ainda um estímulo para a edição, pois está claro a partir de Nizólio que há alguns períodos das sentenças, e que a se consideram novas em nosso tempo, já, há tempos, foram defendidas por homens doutos, com grande zelo. Assim, por exemplo, revelou-se mediante o telescópio que a Via Láctea é um conglomerado de estrelas imperceptíveis, o mesmo que, há muito tempo, havia conjecturado Demócrito. Era um vaticínio do mesmo Demócrito que as cheias do Nilo deviam-se às chuvas da Etiópia, esta afirmação foi ridicularizada pelos escritores coevos e próximos; agora se reconhece como verdadeira por conta das estadas naquele país. Com grande zelo desenterram-se agora os átomos de Epicuro e Lucrécio! Conta-se ainda que foi de Pitágoras a hipótese do terremoto e que para isso se inclinava Arquimedes há vestígios nada obscuros no livrinho *Sobre o número das Areias*.

¹⁹⁸ Leibniz escreve *nov'antiquis* algo como “novantigas”, mas não nos pareceu oportuno deixar o neologismo.

Antonio Deusing e Johann Friederich Helvetius divergem se o pó simpático¹⁹⁹ do célebre Digby²⁰⁰ era algo antigo. Tomás Bartolino refere em sua completíssima *Instituições anatômicas* que a circulação do sangue por todo o corpo não foi observada pela primeira vez por Harvey²⁰¹, mas já de há muito tempo depreendida, como se lê nos manuscritos de certo religioso, que agora estão expostos em Veneza.

Concedo, pela narração de doutíssimos homens, que o mesmo grande e famoso Descartes, sem mediocridade, ficou perturbado, quando lhe foi mostrado que numerosos de seus filosofemas, que ele reputava novidades por ele descobertas, estavam [já] contidas nas obras tanto de Filosofia Natural como na Civil de Platão e Aristóteles, que ele, todavia, preferia desprezar. Keckermann mostra, pela comparação das palavras [e] pelo paralelismo [que] os opostos [guardam] entre si, que Luís Vives tinha compreendido, há muito tempo, a maior parte dos dogmas de Pierre de la Ramée.

Acrescento a isso que será urgente uma redução dos termos técnicos aos populares, [sustentada] com grande insistência, nestes nossos tempos, por preclaros escritores como são Hobbes, Descartes, Jung²⁰², Clauberg, Raey, e o teólogo Antoine Arnauld, que consideram ser o autor da *Lógica Gálica*, libelo certamente mui elegante, e que essa [redução] estava unicamente nos desejos e escopo de nosso Nizólio, de longe melhor que o conselho de Ramée, que, anulados os [termos] aristotélicos, substituiu por outros termos técnicos, e [assim] multiplicou não o conhecimento, mas o trabalho.

XXV. Deve-se evitar a maledicência nos escritos filosóficos

Resta agora que não dissimulemos os erros e vícios de nosso Nizólio. Parece-me que dentre os vícios merece reprovação, especialmente, a maledicência, com a qual investiu contra Aristóteles, contra o próprio Platão, contra Galeno, contra os antigos comentadores gregos de

¹⁹⁹ Pó simpático, pó de simpatia ou unguento armário (*pulvis sympathetica, unguentum armarium* ou *weapon salve*) era um preparado médico composto por uma mistura de vitriolo pulverizado e goma que, no início do XVII século, o inglês sir Kenelm Digby, descrevendo-o no seu *Discours sur la poudre de sympathie*, tornara famoso pelo poder de curar muito rapidamente uma ferida causada por uma arma ou uma chaga.

²⁰⁰ Kenelm Digby (1603-1665) foi um filósofo, cortesão, diplomata e corsário inglês.

²⁰¹ William Harvey (1578-1657) foi um médico britânico que, pela primeira vez, descreveu corretamente os detalhes do sistema circulatório do sangue ao ser bombeado, por todo o corpo, pelo coração.

²⁰² Joachim Jung ou Jungius (1587-1657) foi um filósofo, lógico, matemático e naturalista alemão. Em sua dissertação *Doxoscoptiae Physicae Minores*, escrita em 1630 e publicada em 1642, Joachim Jung rejeitou os quatro elementos da antiguidade (fogo, terra, ar e água) e os três da alquimia (mercúrio, enxofre, sal). Ele também provou que a linha de corrente não era uma parábola, como havia sido assumido por Galilei, entre outros Leibniz repetidamente o destacou entre seus modelos de comportamento e o nomeou quase como Aristóteles e Descartes.

Aristóteles e contra os escolásticos indiscriminadamente (por exemplo, quando deseja tratar Tomás de Aquino com muita delicadeza, chama-o de caolho entre cegos no livro 4, capítulo 7); pela qual também ultraja Valla, Vives e Rodolfo Agrícola por não consentir com eles em pequeníssimas diferenças. Eu desejaria que tais coisas fossem apagadas do livro de Nizólio para que os leitores não aprendessem, juntamente com a pureza de estilo, a procacidade, ou, pelo menos, para não se sentirem ofendidos ao ler essa obra. Não me atrevo, todavia, a mudar nada em uma obra alheia.

XXVI. Os erros dos escolásticos não devem ser atribuídos a Aristóteles

Erros em Nizólio há muitos, e destacam-se os grandes, muitos dos quais ajuntei, nas brevíssimas notas impressas em tipo [gráfico] mais reduzido; deve-se fazer, ainda aqui, menção aos mais proeminentes. Sem dúvidas merece aplauso²⁰³, pois imputa os vícios dos escolásticos a Aristóteles, e ainda agride com injúrias e acusa de adulação a Giovanni Pico, Leoniceno, Rodolfo Agrícola e Vives, homens mais comedidos que ele mesmo, por se esforçarem justificar Aristóteles; ademais, e conhecido, em nosso século, depois de tantos estudos sobre Aristóteles realizados por diversos intérpretes doutíssimos e alheios à barbárie anterior, que Aristóteles está limpo e é inocente de toda aquela inépcia com que os escolásticos o contaminaram em muitas partes.

Os erros dele, quaisquer que sejam, todavia, são tais que facilmente podes reconhecer lapsos de um homem insigne e versado nas verdadeiras luzes [muito distante] dos vertiginosos enganos de algum imperito claustral. Isto já demonstraram suficientemente no século passado os comentadores italianos Agostinho Nifo²⁰⁴, Ângelo Mercenário, Alexandre e Francesco Piccolomini, César Cremonini, Marco Antonio Zimara, Simone Simoni, Jacopo Zabarella, Francisco Vicomercato e tantos outros.

Neste século, todavia, o mérito de elucidar Aristóteles deve-se, mormente, aos alemães, pois a parte que trata da demonstração, que é considerada vulgarmente pelos adversários de

²⁰³ Leibniz está sendo irônico, pois o uso de *nimirum* denota exatamente isso!

²⁰⁴ Agostino Nifo, em latim *Augustinus Niphus*, (1473-1538) foi um filósofo escolástico italiano da Renascença. Ele professou com grande sucesso em Pádua (1492-1499), Nápoles (1500-1513), Roma, Pisa, Salerno (1522-1531). Comentou e editou Aristóteles, mesclando com as ideias do filósofo grego as de Averróis, cujas obras publicou em 1496. Também ensinou medicina. Ele foi nomeado Conde Palatino em 1520. Em Nápoles, seu aluno foi Gian Giacomo Adria (c.1485-1560).

Aristóteles como um mênstruo²⁰⁵, foi elucidada não mediocrementemente por Cornélio Martini²⁰⁶, e Jung²⁰⁷, e também Johann von Felden²⁰⁸, conquanto que as meditações de Felden sobre o modo de levar a uso as Tópicas e os Analíticos de Aristóteles que manifestam grande erudição e as mais dignas de assinalar com uma pedra branca²⁰⁹, ainda não foram editadas; esperemos, contudo, que o mesmo autor as edite o quanto antes.

Para solidamente se poder compreender a Metafísica de Aristóteles contribuíram em grande maneira os professores Soner e Dreier, aquele, da Academia Altorfina e, este, da Regiomontana. As instituições de Soner apareceram há pouco tempo, depois de o próprio autor ter morrido. A *Sabedoria Universal ou Primeira Filosofia* de Dreier foi tirada, sobretudo, dos comentadores gregos, harmonizando excelentemente as distintas posições, da qual se pode compreender suficientemente com que seriedade projetou sua obra Aristóteles, que ordenadamente a estruturou e, finalmente, que magnificamente a executou. A Filosofia Natural Geral de Aristóteles (posto que particular sua realidade brilha de per si) foi traduzida, mormente, para o uso e para sólidas noções sobre a natureza das coisas por um homem genuíno, Abdias Trew, professor de ciências matemáticas da Academia Altdorfina, que escreveu a Física Geral de Aristóteles exposta segundo o modo matemático.

De certo, Aristóteles esteve muito longe daqueles dogmas insensíveis e privos de qualquer inteligência, que a ignorância pública dos tempos anteriores lhe atribuíra; que ele ignorara totalmente a realidade das formas, e que nos transmitiu somente noções generalíssimas, demonstram isso suficientemente quem quer que agora trate de conciliar Aristóteles com os mais recentes, que em uns tantos lugares sustentam o agudíssimo Thomas Anglus, no pensamento do ilustre Digby, e também o famosíssimo Raey. Como este conselho seja ótimo e necessário para o tema da literatura, para que as coisas úteis não sejam anuladas junto com as vãs e para que não estimule os sonhos de alguns a erradicar Aristóteles dos ânimos da incauta juventude. Por isso pareceu oportuno este lugar para acrescentar aqui minha própria seleção de escritos. Tirei-os de uma longa epístola que escrevi a um celeberrimo peripatético

²⁰⁵ Palavra de difícil tradução no contexto. Na edição de 1670 aparece *monstruo*. Talvez quisessem denotar que Aristóteles era uma moda fugaz.

²⁰⁶ Cornélio Martini (1568-1621) foi um teólogo e representante da Reforma. Na Universidade de Helmstedt, Martini começou a lecionar em 1597 com a introdução da metafísica, baseada nas obras de Aristóteles.

²⁰⁷ Veja a nota 202.

²⁰⁸ Johann von Felden (?-1668) foi professor de filosofia na Universidade de Helmstedt, escreveu vários comentários a obras de Aristóteles e contra Grócio.

²⁰⁹ O costume dos antigos de marcar com uma pedra branca algum evento positivo ou auspicioso, por isso, o significado é este: assinalar como acontecimento venturosos.

alemão²¹⁰, homem além de um acurado conhecimento de filosofia (que a divulgou ao mundo com claros exemplos e, como desejo, há de ser divulgada com muitos mais, além dos que ele dispõe em abundância) e peritíssimo²¹¹ em toda a erudição publicada. Por isso uniremos estes escritos após um prefácio já tão prolixo, em nada tememos abusarmos da paciência de nosso leitor. Se este leitor for imparcial em coisa tão necessária, suportará, com facilidade, que sejamos ainda mais prolixos; mas, se for parcial, saiba que seus julgamentos não nos importam

Destacaram-se por algum estudo profundo sobre a Filosofia Moral e Civil de Aristóteles os seguintes: o πολυμαθέστατος²¹² Conring, o jurista Johann von Felden, célebre por seus Comentários a Grócio²¹³, pelos Elementos de Jurisprudência Universal e pela Análise dos [escritos] políticos de Aristóteles, e também Jakob Thomasius, ilustríssimo não só por suas muitas diatribes sobre diversos argumentos, como também e sobretudo por suas Tábuas da Filosofia Prática²¹⁴, feitas com grande rigor e nas que se eliminou totalmente o supérfluo das demais. Nada direi da Paráfrase de Heinch (permanecem sua célebre Introdução à Física de Aristóteles, a Investigação sobre a Origem das Formas e o Discurso [oratio] sobre as qualidades de Aristóteles), que classificou os livros de política de Aristóteles em uma nova ordem completamente distinta, já que estes livros estavam deteriorados e deformados, e demonstrou com abundância de muitos argumentos acutíssimos que a ordem proposta por ele era a do mesmo Aristóteles sobre seus escritos mais curtos a respeito daquela parte da filosofia²¹⁵ nada direi.

Aquele que se sirva destes intérpretes, que acabo de nomear, creio eu que admitirá sem sombra de dúvidas que Aristóteles está muito longe daquilo que pinta o vulgo e que não se devem achacar ao autor do texto, como o fazem Valla, Nizólio, Basson e outros açoitadores de Aristóteles²¹⁶, os erros a ele atribuídos, que se devem ou à imperícia dos intérpretes, ou, se considerarmos o tempo em que viveram, a desventura cometeu o erro.

²¹⁰ Faz Leibniz referência à carta a Jakob Thomasius, vide: LEIBNIZ. **Opera philosophica quae exstant Latina, Gallica, Germanica omnia**. Editada por Joannes Eduardus Erdmann, Pars prior. Berlim: Sumptibus G. Eichleri, 1840, p. 48-54.

²¹¹ Aqui Leibniz usa o vocábulo *exquisitissimus* superlativo de *exquisitus*, cujo significado é: excelente, refinado, escolhido, raro, metucioso, atento, minucioso.

²¹² Πολυμαθέστατος [polymathēstatos] é o superlativo de πολυμαθής [polymathēs], polímata.

²¹³ Grócio [Hugo], *Hugo Grotius*, *Huig de Groot* ou *Hugo de Groot*; (1583- 1645) foi um jurista a serviço da República dos Países Baixos. É considerado o precursor, junto com Francisco de Vitória, do Direito internacional, baseando-se no Direito natural. Foi também filósofo, dramaturgo, poeta e um grande nome da apologética cristã.

²¹⁴ THOMASIIUS, Jakob, **Philosophia practica, continuis tabellis in usum privatum comprehensa**, Leipzig 1661.

²¹⁵ Provavelmente se refira à parte dos escritos políticos de Aristóteles.

²¹⁶ Leibniz usa o estranho *Aristotelomastigibus*.

XXVII. Sobre os erros desculpáveis dos filósofos escolásticos

Tampouco se deve omitir que são parciais aqueles que, tão acerbamente, ofuscam os lapsos daqueles tempos; se estivesse lá, pensarias doutra forma. Ocultando-se a história, tanto a civil como a filosófica, tendo sido os excelentes escritores pessimamente traduzidos, devendo-se transcrever, destituídos da tipografia, as obras com enormes custos e em meio às maiores dificuldades, e assim as descobertas de alguém raramente chegavam ao conhecimento de outros, a não ser que só, tardiamente, chegavam (de onde acontece agora que se depreendem, muitas vezes pela comparação de escritores, coisas que mesmo os coevos ignoravam), não é de admirar que resultasse com frequência e gravidade em estrago, foi, principalmente, semelhante a um milagre que se tenha, mediocrementemente, conservado algo da literatura e da verdadeira filosofia.

Por isso, se em algum momento me escapou aqui algo demasiado duro ao correr da pena, quero um entendimento mais sobre a fatalidade dos tempos do que à indolência dos homens. Aqueles que, principalmente, se devem culpar, [são] os que agora, depois de se ter descoberto o trigo [*frux*], preferem ainda se alimentar de bolotas²¹⁷, e pecam mais por pertinácia do que por ignorância. E não temo em dizer que os escolásticos mais antigos eram, em muito, superiores a alguns contemporâneos nossos em agudeza, em solidez e em modéstia, e que tinham mais prudência para se abster de questões inúteis; com efeito, alguns contemporâneos, com dificuldade, podem acrescentar algo digno de estar impresso ao que fizeram os antigos, limitam-se simplesmente a fazer uma coleção de opiniões alheias, a excogitar inúmeras questões frívolas, a dividir um argumento em muitas partes, a mudar o método e a formar e reformar termos. Assim nascem tantos e tão grandes livros

XXVIII. Sobre a escola dos Nominalistas

Mas quanto os escolásticos do século passado e deste eram inferiores em perspicácia que os mais antigos, a escola dos nominalistas pode ser a prova. É a mais profunda [escola] de todas entre as escolásticas e a mais congruente com o método da filosofia hodierna reformada. Como tivesse florescido em outro tempo, agora, certamente, extinguiu-se, pelo menos entre os escolásticos. Donde conclusis que a agudeza, ao invés de aumentar, diminuiu.

²¹⁷ Segundo a acepção dada por Lucrécio, Virgílio e Lívio, essas bolotas eram o alimento dos primeiros homens, de modo que Leibniz parece indicar aí que alguns preferiam ficar no estágio primitivo da humanidade, alheios à evolução do espírito, indicado na frase pela descoberta do trigo.

Mas como nosso Nizólio não duvidasse confessar-se abertamente nominalista, até o final do capítulo sexto do primeiro livro, e o nervo de toda sua dissertação está, sobretudo, na refutação da realidade das formas e dos universais; avaliei que valia a pena ajuntar algumas poucas coisas a respeito dos nominalistas. Nominalistas são os que pensam que todas as coisas, salvo as substâncias singulares, são [só] puros nomes; negam, pois, absolutamente, a realidade dos abstratos e os universais.

Diz-se, mas não sei quem, que o primeiro dos nominalistas foi Rucelino Bretão²¹⁸, por cujo ensejo houve cruentas lutas na Universidade de Paris. Aventinus deixou-nos esta inscrição que escreveu contra ele:

As palavras [vox] que tu ensinas, Rucelino, a dialética as odeia
E já, doendo de si, não quer mais estar no falatório.
Ama as coisas, quer estar nas coisas todos os dias.
Seja novamente tratada pela palavra [vox], seja coisa que se ensina pela palavra [vox].
Chora Aristóteles ensinando nugacidades senis,
Coisas subtraídas de si mesmo pelas palavras [vox] intituladas.
E geme Porfírio porque o leitor lhe tomou as coisas.
Ao que rói as coisas, Rucelino, Boécio come.
Não com argumentos, sem por sofisma, tu pensas
Que nas palavras [vox] se encontram as coisas permanentes.

A escola dos nominalistas jazeu nas trevas durante muito tempo, até que um homem de sumo engenho e erudição para seu tempo, o inglês Guilherme de Ockham²¹⁹, discípulo de Scotus²²⁰, mas pouco depois seu maior opositor ressuscitou-a de improviso. Aderiram a ele

²¹⁸ Rucelino ou Roscelino de Compiègne (também *Roscellinus*, *Roscellinus Compendiensis* e *Rucelinus*) (1050-1125) foi um teólogo e filósofo francês. Rucelino foi considerado por alguns, incluindo Anselmo de Canterbury, como representante do nominalismo extremo. Embora muito poucos textos dele tenham sido preservados, ele se tornou o epítome do nominalismo, que foi de importância crucial na chamada luta universal. Ele também se tornou conhecido por defender o triteísmo. «*ROSCELINUS, sive Ruzelius, Compendiensis ex Gallia, sec. XI. primus Doctor Philosophiae et Theologiae Scholasticae ante Abaelardum, cujus errores de fide SS. Trinitatis et incarnatione verbi refutavit Anselmus Cantuariensis libro adversus eum scripto p. 41. et lib II. Epist. XLI. ad Fulconem. Adde Concilium Suessionense anno 1092. Hottingerum tom. III. Hist. Eccl. p. 96.*» Roscelino, ou Ruzélio, de Compiègne da França, séc. XI, primeiro doutor de Filosofia e de Teologia da Escolástica antes de Abelardo, cujos erros sobre a fé na SS. Trindade e na encarnação do Verbo foram refutados por Anselmo de Cantuária, num livro escrito contra ele. [FABRICIUS, Jo. Albertus. *Bibliotheca latina mediae et infimae aetatis*. Tomo VI. Florença: Typ. Thomae Baracchi et F., 1859, p. 423]

²¹⁹ Guilherme de Ockham, *William of Ockham* (1285-1347), foi um frade franciscano, filósofo, lógico e teólogo escolástico inglês, considerado como o representante mais eminente da escola nominalista, principal corrente oriunda do pensamento de Roscelino de Compiègne (1050-1125). Guilherme de Ockham, também conhecido como o “doutor invencível” (*Doctor Invincibilis*) e o “iniciador venerável” (*Venerabilis Inceptor*), nasceu na vila de Ockham, nos arredores de Londres, na Inglaterra, em 1285, e dedicou seus últimos anos ao estudo e à meditação num convento de Munique, onde morreu, possivelmente vítima da peste negra.

²²⁰ João Duns Escoto, ou Scot ou Scotus O.F.M.conv (1266-1308) foi um teólogo e filósofo escocês (ou nascido no Ulster). Viveu durante muitos anos em Paris, em cuja universidade lecionou. Membro da Ordem Franciscana Conventual, filósofo e teólogo da tradição escolástica, chamado o Doutor Sutil, foi mentor de outro grande nome da filosofia medieval: Guilherme de Ockham.

Gregório de Rímíni²²¹, Gabriel Biel²²² e muitos da ordem dos Agostinianos; donde, nos primeiros escritos de Martinho Lutero brilha bastante seu amor pelos nominalistas, e, através do tempo, este amor se estendeu igualmente a todos os monges.

A Regra Geral, entretanto, que os nominalistas usam em vários lugares é: não se devem multiplicar sem necessidade os entes. Essa regra é rejeitada sem distinção pelos autores como uma espécie de injúria à fecundidade divina que não é parca, mas sim generosa, e que se alegra com a variedade e abundância das coisas. Mas parece-se que os que assim objetam não compreenderam suficientemente a proposta dos nominalistas, que, ainda que proposta muito obscuramente, reduz-se a esta: a hipótese melhor é a mais simples e nas causas restituídas, que aparecem, apresenta-o de modo melhor aquele que faz o menor número de suposições gratuitas. Pois, quem faz de outro modo acusa a natureza, ou antes, seu autor, Deus, de superficialidade inepta. Se um astrônomo pode dar a razão dos fenômenos celestes com poucas suposições, que os explique com simples movimentos circulares, deverá ser preferida à hipótese que necessite de muitas órbitas, implicadas entre si de diversas maneiras, para explicá-los.

Os nominalistas já tinham deduzido dessa regra que na natureza tudo pode ser explicado mesmo que não se tenham, absolutamente, os universais e as formas reais. E esta afirmação é a mais verdadeira e a mais digna de um filósofo de nosso tempo, a ponto de eu acreditar que o próprio Ockham não foi mais nominalista do que agora o é Thomas Hobbes, que, para dizer a verdade, me parece mais que nominalista. Não contente, com efeito, em reduzir, com os nominalistas, os universais a nomes, diz que a própria verdade das coisas consiste nos nomes e, o que é maior, que depende do arbítrio humano, pois a verdade depende da definição dos termos, a definição dos termos, contudo, depende do arbítrio humano. Essa é a afirmação de um homem que deve ser estimado entre os mais profundos deste século e, como eu disse, nada pode ser mais nominalista. O mesmo deve ser dito dos reformadores da filosofia no nosso tempo que, se não são mais que nominalistas, todavia todos são nominalistas. Portanto, Nizólio será o mais apto a nossos tempos.

XXIX. Sobre o uso da metafísica

²²¹ Gregório de Rímíni (1300-1358) também chamado Gregório de Arimino, *Doctor acutus*, *Doctor authenticus* ou *Ariminensis* (de Rímíni), foi um filósofo e teólogo, eremita agostiniano italiano. Geralmente é considerado um dos últimos grandes filósofos escolásticos da Idade Média.

²²² Gabriel Biel (1410-1495) foi um teólogo católico alemão, chamado de “doutor profundíssimo”, professor em Tubinga, chamado o último dos escolásticos.

Agora devemos retornar aos erros de Nizólio, dentre os quais, depois de ter confundido Aristóteles com seus intérpretes, o que se destaca é a completa abolição da Dialética e da Metafísica, no mesmo tempo em que, todavia, os nominalistas as tenham mantido pelos mesmos princípios que ele emprega para eliminá-las. Mas quem negará que há certos preceitos, tanto da arte de pensar ou da ciência da mente, tanto da piedade natural ou da ciência sobre o cerne das coisas, isto é, regras da Metafísica. Pois, mesmo que se quisesse que aquela pertencesse à Oratória ou arte de falar; esta, à Física ou ciência da natureza, por este argumento de que até os antigos dividiram a Enciclopédia só em três partes, Lógica, Física e Ética; do que facilmente se segue que nem sequer as Matemáticas seriam ciências particulares, nada proíbe que se subdivida em partes mais acuradas e que se assinale à Dialética um lugar separado da Retórica, como também se dá à Gramática; e à Metafísica ou Teologia um lugar separado da Física, como também se dá à Matemática.

Aquilo ainda que de modo algum tolerar é que a demonstração, como descrita por Aristóteles, seja, de fato, tirada da natureza das coisas. Com argumentos débeis, dentre os quais o mais forte é que os universais não estão na natureza das coisas (quando, entretanto, basta demonstrar que os nomes são universais); depois, seus intérpretes até hoje com grande esforço buscam em vão um exemplo disso. Acredito, em contrapartida, que em muitas passagens dos livros de Aristóteles, antes, nos do próprio Nizólio, [acredito] que ocorrem acuradas e perfeitas demonstrações. Guardo para uma obra especial demonstrar isso e reivindicar a nobilíssima arte da demonstração contra as objeções dos ininteligentes.

XXX. Sobre os escritos de Aristóteles

Como também, porque afirma que agora não se têm as obras genuínas de Aristóteles por algumas passagens de Cícero, nunca me persuadirá. Pois é admirável que um homem como Cícero, político e sobrecarregado de infinitas preocupações, não tivesse compreendido algumas afirmações de um filósofo sutilíssimo a cujas obras tivesse dado simplesmente uma olhada? Acredita ele que Aristóteles em suas obras verdadeiras chamou a Deus Καῦμα οὐρανοῦ, ardor do céu, verdadeiramente reputa Aristóteles um louco; e como nós o consideramos um homem sábio e engenhoso, por força nos empurrar de goela a dentro que é um inepto e estulto.

É este um novo gênero da arte da crítica que consiste em que, ao estudar os escritos de um autor reconhecido por todos como autor engenhoso, se consideram certas passagens suas como interpoladas, pois nelas não se encontra algo estúpido, que lhe atribuem seus difamadores

(pois é verdade que Cícero diz essas coisas de Aristóteles, mas pondo-as na boca de um personagem adversário).

Persuade-me suficientemente a genuinidade das obras aristotélicas, ainda que digam o contrário Giovanni Francesco Pico em seu *Exame de inutilidade da doutrina dos gentios* e também Nizólio e Pierre de la Rameé e Patrizi e Naudé em sua *Apologia de grandes homens suspeitos de magia*, em que Nizólio cita este livro, a harmonia perfeita de suas hipóteses e seu método uniforme em todas as obras, próprio de uma agudíssima e veloz sutileza.

XXXI. Sobre a natureza dos universais

Em último lugar, não se deve dissimular o grave erro de Nizólio sobre a natureza dos universais, pois pode desviar totalmente o leitor não suficientemente avisado do verdadeiro caminho da filosofia. Tenta persuadir-nos de que o universal não é outra coisa senão que todos os singulares tomados simultânea e coletivamente e quando digo “todo homem é animal”, o sentido é “todos os homens são animais”. Isto certamente é verdade, mas daqui não se segue que os universais sejam todo o coletivo.

No entanto, Nizólio prova: toda totalidade ou é contínua, ou discreta. Um universal é o todo, mas não contínuo, discreto, portanto. O todo discreto, contudo, é coletivo e a razão de “gênero dos homens” é a mesma da de “rebanho”. E a razão desta proposição “todo homem (ou todo gênero humano) é racional” é equivalente à desta outra: “todas as ovelhas que pastam aqui são brancas” ou “todo rebanho é branco”.

Mas erras, Nizólio, com efeito, se dá outro gênero do todo discreto, além do coletivo, a saber, o distributivo. Pois quando dizemos “todo homem é animal” ou “todos os homens são animais”, o sentido é distributivo, pois se tomas aquele (Fulano) ou este (Sicrano) etc., encontrarás que é animal, ou que sente. E se, pelo costume nizoliano, todo homem ou todos os homens são um todo coletivo, e o mesmo que todo o gênero humano, seguir-se-á uma expressão absurda. Pois, se são uma mesma coisa, toma esta proposição: “todo homem é animal” ou “todos os homens são animais”; substituamos por “todo gênero humano”, nos dará esta proposição mais que inepta: “todo gênero humano é animal”; igualmente a uma proposição sobre um rebanho: “todas as ovelhas, que pastam aqui”, ou o universal abstraído delas fosse, como quer Nizólio, idêntico ao todo coletado delas, o rebanho; seria verdadeira esta proposição “todo rebanho é ovelha” ou, ao menos, se quiseses socorrê-lo, “todo rebanho são ovelhas”, que isso não se diz de modo suficientemente verdadeiro.

Mas vejamos agora outro cômodo exemplo menos propício a qualquer escapatória. Os antigos juristas, que Nizólio, creio eu, não negou que falassem o próprio e perfeito latim, disseram que o gênero é o legado, no caso de que alguém faça um legado desta maneira: “dou como legado²²³ meu cavalo a Fulano²²⁴”. Já no sentido que dá Nizólio, como o gênero é o todo coletado dos singulares, será o mesmo que se tivesse dito: “dou como legado a Fulano todos os meus cavalos”. Egrégio exemplo de jurisprudência, se agrada aos deuses! Contrariamente, substituindo pelo todo distributivo, a coisa é clara, de fato o sentido será: “eu dou como legado [este²²⁵] ou aquele cavalo a Fulano”.

Acrescentemos ainda isto: quando digo “todo homem é animal”, se se diz o gênero a respeito da espécie e o gênero é universal, o universal é todo o gênero coletado dos singulares; substituamos a palavra “animal” por “todos os animais tomados simultaneamente”; nasceria esta proposição: “O homem é todos os animais tomados simultaneamente”. Mas já é suficiente dizer que o homem é certo animal ou algum do gênero inteiro dos animais.

XXXII. Proposições universais são os fundamentos da demonstração filosófica

Mas este erro de Nizólio não é pequeno, com efeito possui um grande escondido. Pois, se os universais não são nada além de coleções de singulares, segue-se que não existe ciência por demonstração (coisa que ajunta Nizólio mais adiante), mas coleção de singulares ou indução. Mas por esta razão destruir-se-ão as ciências e os cétricos terão vencido. Pois por essa razão nunca se podem formar proposições perfeitamente universais, porque por indução nunca se pode estar certo de que se terem considerados todos os individuais, mas que sempre te manterás no espaço da proposição “todas as coisas que submeti à experiência foram semelhantes [a elas mesmas]”. Mas, como não se pode dar nenhuma razão universal, sempre permanecerá possível que inumeráveis coisas que tu não tenhas submetido à experiência sejam distintas. No entanto, dirás, que o fogo (isto é, o corpo luminoso, trêmulo e tênue) que surge da lenha, ordinariamente, queima; dizemos, universalmente, ainda que ninguém tenha submetido

²²³ Leibniz usa uma construção estranha aqui: *do lego* que não é muito clara nem precisa. Poderia ser vertida com *dou [e] deixo de herança*, a ausência da conjunção *et* causa estranheza. Optamos por traduzir *do lego* como *dou com legado*, por expressar o sentido querido no texto.

²²⁴ Era costume da jurisprudência latina usar os nomes *Titius*, *Caius* e *Sempronius* (nomes comuníssimos) para significar qualquer indivíduo, como se faz em português usando *Fulano*, *Sicrano* e *Beltrano*.

²²⁵ No texto latino adotado a frase está: *Titio illum aut equum do lego* – literalmente *A Fulano aquele ou cavalo dou [e] lego*

à experiência todos os fogos de tal tipo, mas que naqueles que submetemos à experiência, a coisa ficou esclarecida.

Assim é, daqui levantamos uma hipótese e também acreditamos com certeza moral que todos estes fogos queimam e te queimarão se aproximares a mão. Mas esta certeza moral não está fundada na indução somente, já que não se consegue só pela indução, com efeito dela não ajuntarás nenhuma ajuda; mas pela adição ou apoio destas proposições universais a partir da adição das singulares, mas da ideia universal ou da definição dos termos: (1) Se a causa é a mesma ou é semelhante em todos os casos, o efeito será o mesmo ou semelhante em todos os casos. E desta (2) não se presume a existência de uma coisa que não é percebida. E, finalmente desta, (3) o que quer que não seja presumido, na prática deve se tomar por nada, até que seja provado. Destas proposições, surge a certeza prática ou moral da proposição “tudo o que seja fogo queimará”. Pois suponhamos que qualquer fogo que agora se apresenta a mim seja de tal classe. Afirmo que (quanto ao que toca a esta questão) seja em todos os aspectos semelhante aos fogos precedentes, porque, por hipótese, não percebo diferença alguma; e o que não se percebe não se presume, pelo apoio 2. O que não se presume na prática, deve-se tomar pelo apoio 3. Logo, deve-se manter, na prática (quanto ao que toca a esta questão) que é semelhante a todos os outros [fogos].

De fato, sendo a causa semelhante em tudo, o efeito será semelhante em tudo, pelo apoio 1; o efeito, isto é, a queimadura, por hipótese, será semelhante para todos os fogos. Logo, deve-se admitir, na prática, que qualquer fogo similar oferecido, ou antes todo aquele fogo, queimará. O que se pretendia demonstrar.

Disto já fica evidente que a indução por si não produz nada, nem sequer certeza moral, sem o apoio de proposições dependentes não da indução, mas da razão universal. Pois, se fossem também apoio das proposições, careceria de novos apoios nem se teria certeza moral *in infinitum*²²⁶. Mas a certeza perfeita não pode ser esperada totalmente da indução com acréscimo de quaisquer apoios, e, assim, nunca conheceríamos perfeitamente só por indução a proposição “o todo é maior que sua parte”.

Com efeito, aparecerá logo alguém que negue, por qualquer razão peculiar, que seja verdadeira em outros casos ainda não considerados, como sabemos, de fato, que Gregório de S. Vicente negou que o todo fosse maior que sua parte, pelo menos nos ângulos de contato; e que

²²⁶ Preferimos deixar a expressão em latim. *In infinitum* significa literalmente “até ao infinito”, “sem limite ou sem fim”, para indicar um processo ou operação que continua indefinidamente.

outros negaram a propósito do infinito; e que Thomas Hobbes (até este homem?) começou a duvidar daquela proposição geométrica demonstrada por Pitágoras e considerada digna de um sacrifício de hecatombe, o que, não sem estupor, li.

Esses são os principais erros de nosso Nizólío. Alguns tratamos em pequenas notas dispersas, outros consideramos tais que podem ser encontrados sem excessivo esforço por um leitor atento que tenha se dignado antepor à leitura de sua obra estas observações nossas. Portanto, já se deverá pôr fim a este prefácio longo, mas, se não me engano, necessário. Se alguém teme que a porta da casa venha abaixo, pense que nossa entrada é tão grande e a casa tão pequena porque está apenas começada. Se, depois da Lógica, se limpassem as demais partes, se faria, então, que todas as coisas se colocassem na justa simetria e que ninguém se lamentasse da excessiva magnitude do átrio e da pequenez do interior. No mais, benévolo leitor, adeus e [seja] o estudo para ocupar-te com teus benefícios, ocupa-te do bem.

G.G.